



**INSTITUTO PIAGET**

*Campus* Universitário de Viseu

Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares (ISEIT)/Viseu

Decreto-Lei nº211/96, de 18 de Novembro.

Relatório Final

**Situação dos Músicos de Rua na Atualidade em Contexto de  
Pandemia**

*Camila Eltz de Souza*

**MESTRADO EM ENSINO DA MÚSICA**

*Campus* Universitário de Viseu

2021





**INSTITUTO PIAGET**

*Campus* Universitário de Viseu

Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares (ISEIT)/Viseu

Decreto-Lei nº211/96, de 18 de Novembro.

Relatório Final

## **Situação dos Músicos de Rua na Atualidade em Contexto de Pandemia**

*Camila Eltz de Souza*

**Orientador:** *Professor Doutor Samuel Peruzzolo Vieira*

**Coorientadora:** *Angelita Eltz*

*Campus* Universitário de Viseu

2021



Camila Eltz de Souza, autora do Relatório Final intitulado Situação dos Músicos de Rua na Atualidade em Contexto de Pandemia, declara que, salvo fontes devidamente citadas e referidas, o presente trabalho é fruto do meu trabalho pessoal, individual e original.

Viseu, dia 08 de outubro de 2021

Camila Eltz de Souza

Relatório Final apresentado ao ISEIT-Viseu, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ensino da Música:  
ESPECIALIZAÇÃO -  
INSTRUMENTO: CANTO.



## RESUMO

O presente trabalho consiste em apresentar uma proposta analítica sobre o atual contexto artístico e socioeconómico dos músicos de rua em geral e em Portugal, traçando principalmente um paralelo entre músicos brasileiros e portugueses. O objetivo é identificar as situações em que os músicos enfrentaram o contexto mundial de pandemia do Covid-19 através da verificação e validação das realidades circundantes nas quais as formas e estratégias de sobrevivência levaram a uma ressignificação do seu próprio fazer artístico. O levantamento bibliográfico deste projeto centra-se sobretudo em referências da história dos artistas de rua, além de pesquisas em documentários, noticiários, jornais e revistas online, entrevistas, entre outros. Para além disso, foi feito um breve estudo sobre a saúde mental dos músicos durante a pandemia e examinadas algumas leis e licenças vigentes em Portugal sobre as medidas de auxílio aos músicos nas diferentes cidades em que atuam. Além da observação passiva e da pesquisa de campo, a metodologia recorreu a entrevistas semiestruturadas e feitas com músicos de rua de Portugal e do Brasil. Os resultados mostram que urge fazer mudanças para que os referidos músicos possam ter um apoio maior do Governo Português, esperando-se uma nova estratégia política inclusiva e extensível a todos e todas em que prevaleça a dignidade, o suporte moral e o respeito por esta atividade artística.

**Palavras-chave:** Músicos de Rua, COVID-19, manifestações artísticas urbanas, pandemia



## **ABSTRACT**

The present work consists in presenting an analytical proposal about the current artistic and socioeconomic context of street musicians in general and in Portugal, drawing mainly a parallel between Brazilian and Portuguese musicians. The objective is to verify the situations in which the musicians faced the Covid-19 pandemic world context through the verification and validation of the surrounding realities in which the forms and survival strategies led to a resignification of their own artistic making. The bibliographic survey of this project focuses mainly on bibliographical references of the history of street artists, as well as research in documentaries, news, online newspapers and magazines, interviews, among others. In addition, a brief study was made on the mental health of musicians during the pandemic and some laws and licenses in force in Portugal were examined, on how they can help musicians depending on the different cities in which they operate. In addition to passive observation and field research, the methodology was based on semi-structured interviews with street musicians from Portugal and Brazil. The results show what can still change so that these musicians can have greater support from the Portuguese Government, namely with regard to an inclusive and extendable political strategy to everyone in which dignity, moral support and respect for this artistic activity.

**Keywords:** Street Musicians, COVID-19, urban artistic manifestations, pandemic



## **AGRADECIMENTOS**

Durante minha investigação, tive o apoio de amigos, colegas, familiares, professores e ex-professores.

Quero agradecer a todos os que investiram um pouco do seu tempo para me auxiliar, dar-me apoio e suporte desde o início até ao fim, em especial à minha família que sempre me apoiou nos meus caminhos dentro da música.

Agradeço imenso ao meu orientador, Professor Doutor Samuel Peruzzolo Vieira, por todos os conselhos, paciência, incentivo e por acreditar e confiar no meu trabalho.

Agradeço também à Professora Leniza Menna Barreto, que me acompanha desde o bacharelado em Canto.

Agradecimento especial a minha mãe que me deu todo apoio e auxílio possível para eu não desistir e poder finalizar este trabalho académico com sucesso.

Agradecimento ainda a toda minha família por me apoiar sempre nos meus sonhos.

Agradecimento a todos os entrevistados que disponibilizaram algum do seu tempo para eu poder realizar esta investigação.

Agradecimentos à professora Cristina Aguiar e ao Conservatório de Música de Viseu onde cumpri o meu estágio.

Agradeço também ao ISEIT e a todos os professores e colegas do curso de Mestrado em Ensino da Música do Instituto Piaget de Viseu que estiveram presentes durante esses dois anos de curso.

E, por fim, agradeço principalmente a Deus pela oportunidade de estar em Portugal e poder realizar o sonho de terminar meus estudos de Mestrado em Música.



## **EPÍGRAFE :**

"A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida."

- Vinícius de Moraes





# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - COMPONENTE PRÁTICA: INVESTIGAÇÃO-AÇÃO.....</b>	<b>14</b>
• Apresentação dos Resultados.....	15
<b>CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MÚSICO DE RUA.....</b>	<b>16</b>
1. O Músico de Rua em uma Visão Geral.....	17
2. O Músico de Rua em Portugal.....	19
3. A Atualidade do Mundo Musical com a Covid-19.....	23
4. Saúde Mental do Músico de Rua na Pandemia.....	26
5. Leis Portuguesas para Artistas e Músicos de Rua.....	31
6. Soluções Possíveis para os Músicos de Rua.....	34
7. Músicos de Rua e suas Vivências.....	37
<b>CAPÍTULO III - CONTEXTUALIZAÇÃO DA CLASSE DE CANTO DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE VISEU.....</b>	<b>42</b>
1. Contexto Histórico do Conservatório de Música de Viseu.....	43
2. Músicos de Rua na visão dos alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>49</b>
<b>DOCUMENTÁRIOS E NOTÍCIAS.....</b>	<b>50</b>
<b>ENTREVISTAS.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>53</b>

# ÍNDICE DE FIGURAS

**Figura 1** - Músico e o Stresse na Pandemia

**Figura 2** - Aviso de distanciamento

**Figura 3** - Barreiras de distanciamento/ espaço adequado

**Figura 4** - Exemplo de atuação

**Figura 5** - Microfone com acrílico

**Figura 6** - Gráfico ilustrativo Inquérito Conservatório de Música de Viseu

**Figura 7** - Tabela - Inquérito sobre Músicos de Rua

# **ÍNDICE DE ANEXOS**

**Anexo I** - Entrevistas de Músicos de Rua

**Anexo II** - Inquérito Alunos Brasil

**Anexo III** - Relatório de Prática de Ensino Supervisionada

**Anexo IV** - Autorizações Entrevistas e Inquéritos

# INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa, é estudado o caso dos músicos de rua na situação atual mundial da Covid-19. O estudo apresenta traços históricos do surgimento dos músicos e artistas de rua, quem são eles, como surgiram, a que público se apresentam, entre outros quesitos. O objetivo desta dissertação é realizar uma breve análise crítica sobre como está a situação atual dos músicos de rua em contexto de pandemia, como o anuncia a intitulação, e como esses profissionais estão a lidar com a interação com o público e a criar novas formas de sobrevivência. Mas, nas condições atuais, será que a arte de rua possibilita que o artista tenha futuro e viabilidade?

Ao longo do trabalho essa dúvida terá uma resposta. Entretanto, já podemos adiantar que tudo depende da atuação do músico e do artista e dos meios que irá utilizar para a divulgação das atuações. Também deve ser levado em consideração que existem várias incógnitas e problemáticas, referindo-se algumas sugestões para que a sustentabilidade financeira seja conseguida.

Este trabalho pode ser considerado uma pesquisa investigativa por haver nele um certo equilíbrio entre pesquisas de campo e referências específicas. A recolha de informações de pesquisas de campo começou em março de 2021, enquanto as pesquisas de referências já haviam sido iniciadas em novembro de 2020. Para tal, foram entrevistados alguns músicos de rua do Brasil e de Portugal, alunos de canto do Brasil, e os alunos da classe de canto do Conservatório de Música de Viseu.

Ao longo deste trabalho académico, também será abordada a temática da origem do artista urbano e respetiva história, contextualizando-se genericamente a atividade dos músicos de rua e do músico em Portugal. Importa, pois, abordar a situação dos músicos durante a pandemia e inquirir sobre as soluções possíveis para a sobrevivência dos artistas durante a pandemia. Face a isto, indagaremos brevemente sobre a interferência e consequências das leis e licenças portuguesas na vida do artista de rua .

Foi realizado também um inquérito com os alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu, analisando-se as ideias supervenientes sobre as atuações dos músicos de rua viseenses, de que se fará uma análise em gráfico e em tabela.

No trabalho é apresentada a forma como vários músicos de rua criaram alternativas para sobreviver e conseguiram proventos, não se descurando ainda uma análise sobre a saúde mental dos músicos de rua devido ao confinamento pela Covid-19.

Este trabalho investigativo teve uma análise crítica e social perante alguns quesitos para o auxílio dos músicos de rua e outros artistas em igual contexto. A recolha de dados ocorreu em bibliografias especializadas e no contacto com músicos de rua em entrevistas e pesquisa de campo com músicos de Portugal e do Brasil.

A recolha de dados foi feita através de referências bibliográficas, documentários, noticiários, jornais online e entrevistas com músicos de rua tanto de Portugal como do Brasil. Neste trabalho participaram alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu e alunos de canto do Brasil, através de um pequeno inquérito de que se realizou uma análise gráfica.

Os participantes, músicos de rua do Brasil e de Portugal, foram entrevistados em situação pandémica com perguntas específicas para cada contexto. Participaram também, como já se referiu, os alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu e do Brasil, preservando-se as especificidades culturais e geográficas.

As entrevistas foram realizadas online, devido aos procedimentos de restrição e distanciamento típicos da pandemia. Os questionários aos quais responderam contêm a contextualização das suas atuações como músicos de rua nos dois países. Devido ao confinamento, os procedimentos de pesquisa foram todos feitos de forma digital. O inquérito com os alunos do Conservatório de Música de Viseu ocorreu online, apesar de no período da entrevista já estarem em decurso as aulas presenciais.

Na terceira parte deste trabalho, veremos uma pequena análise recolhida através de um inquérito a que responderam os alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu, o que permitiu uma breve contextualização do Conservatório, com alguns traços da sua história na cidade.

Através da pesquisa feita e observada por Buscariolli *et al.*, percebe-se que aos olhos da população os músicos de rua ainda são vistos, infelizmente, como pedintes e não como um artista que quer conquistar a sua carreira. Para se entender melhor um músico de rua, é precisa saber entendê-lo e compreender a sua realidade. A maior parte da população passa e ignora as atuações dos músicos de rua. Quando alguém dispensa alguma atenção, nem sempre existe uma contribuição em dinheiro. Geralmente são os músicos de rua mais conhecidos que conseguem atrair a atenção do público e não tanto músicos com alto nível de estudo e de técnica. Ou seja, podemos dizer que o nível de

técnica do músico não interfere na quantidade de público que ele terá. As apresentações musicais costumam atrair mais facilmente o público face a outras atrações, como, por exemplo, as estátuas vivas. Por se tratar de apresentações que têm ligação e comunicação diretamente com o público, o ser-se carismático facilita a interação, com o público.

# **CAPÍTULO I - COMPONENTE PRÁTICA:**

## **INVESTIGAÇÃO-AÇÃO**

Para a escrita deste trabalho académico, foram realizadas entrevistas com músicos de rua do Brasil e de Portugal, além de ser feita uma pesquisa com os alunos da classe de Canto do Conservatório de Música de Viseu. Entretanto, o que foi realizado para cada investigação?

Ao tratar-se de um trabalho investigativo de grande atualidade, necessário foi ir em busca de soluções e de conteúdo para o desenvolvimento do projeto. As entrevistas com os músicos foram realizadas de maneira individual e única, prestando-se atenção ao contexto de cada músico, tendo sido formuladas perguntas diferentes para cada um deles, o que, a nosso ver, enriquece a investigação.

Entrando na parte relacionada com o Conservatório de Música de Viseu, direi que não houve total ligação entre o estágio realizado e o desenvolvimento deste trabalho académico. Entretanto, o objetivo do inquérito feito com os alunos de canto foi perceber como os músicos de rua são vistos aos olhos dos jovens atualmente.

Além dessas entrevistas e inquéritos, o trabalho conta com uma investigação feita na cidade de Viseu em busca de documentos, leis e/ou licenças para músicos de rua. Essas investigações foram feitas presencialmente na Câmara Municipal de Viseu e nos Arquivos de Viseu. Para me documentar sobre as leis em Portugal, foi preciso contactar com advogados a fim de obter as respostas certas.

Os documentários, notícias e documentos adquiridos como referências foram de extrema importância para o crescimento do projeto e para poder aprofundar e enriquecer a pesquisa sobre os músicos de rua, sobre suas origens, sobre a saúde mental, leis e soluções durante a pandemia e suas vivências. O objetivo é fazer com que o leitor compreenda melhor o músico de rua como artista em contexto anômalo e os músicos de rua possam fortalecer-se com as soluções aqui encontradas, sem descuidar os cuidados mentais.

## • **Apresentação dos Resultados**

Os resultados obtidos neste trabalho tiveram grande impacto crítico, uma vez que desvelam a necessidade de serem conhecidas as leis a que estão sujeitos os músicos de rua e tal foi tido em conta nas entrevistas feitas com os músicos do Brasil e de Portugal. Esta pesquisa aponta várias formas e estratégias que podem funcionar, bem como soluções para que não se perca a esperança da preservação da cultura musical durante as fases de confinamento. Um tópico importante abordado no trabalho é o problema da saúde mental do músico perante a pandemia, o stresse gerado pelo confinamento e algumas soluções de como podem proceder para diminuir esses conflitos internos que este estado trouxe às nossas vidas.

Foram satisfatórios os resultados tidos para a nossa perquirição, tanto na parte de referência documental como na parte de investigação de entrevistas concedidas pela classe de canto do Conservatório de Música de Viseu. Ao longo do trabalho, conseguiu-se perceber a variedade de tópicos que são referidos nos resultados dessas pesquisas, assim se conseguindo assinalável êxito.

As pesquisas incidindo sobre referências, noticiários, documentários e entrevistas criaram algumas dificuldades dado tratar-se de matéria atual e ainda pouco abundante. Neste processo obteve-se um rol de informações, tendo-se recolhido vários documentos. O risco de escrever sobre tal assunto acabou por ser um desafio, uma vez que lidámos com escassez de documentação, repita-se. Porém, dado tratar-se de um tema aliciante e motivador que necessita de resultados e novas maneiras para não deixar a arte morrer durante uma inesperada pandemia, achamos que foi muito útil esta persistência. Assim, e apesar de todas as dificuldades, foi possível conseguir uma grande quantidade de material de evidente utilidade para a temática que perseguimos.

## **CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO MÚSICO DE RUA**

Neste capítulo será apresentado a contextualização histórica do músico de rua em uma visão geral e o músico de rua em Portugal. A história de como surgiu o músico de rua é vista como importante neste trabalho para se ter o entendimento de como se deu o início dessa trajetória de vários artistas pelo mundo, e importante para entendermos como são os músicos de rua. Ainda é contextualizado o músico de rua em Portugal e um pequeno contexto histórico.

O capítulo é dividido em sete partes, entre elas iremos encontrar assuntos relacionados a como se encontram os músicos na atualidade da música devido a Covid-19. Para além disso, também é posto um pouco da parte psicológica e a saúde mental dos músicos de rua durante a pandemia. É visto como funcionam as leis e devidas licenças em Portugal para os músicos de rua, e quais os requisitos necessários para poderem tocar na rua com as devidas autorizações e estarem legalizados, e é posto o porquê de tantos músicos atuarem sem as devidas licenças.

Nas partes seis e sete deste capítulo, vamos falar um pouco das opções criadas pelos músicos de rua para sobreviverem durante a pandemia e suas vivências durante o período da pandemia. Principalmente para esses dois últimos tópicos, foram realizadas entrevistas com músicos de rua do Brasil e de Portugal para poder relacionar com todo o estudo feito.

# 1. Músico de Rua em uma Visão Geral

Neste tópico, contextualizaremos um pouco do histórico dos músicos de rua, numa visão geral, falando sobre a origem desses artistas desde os tempos mais antigos até aos tempos mais atuais, observando-se também a sua trajetória e as mudanças que ocorreram ao longo desse período, e mostrando-se como é visto o músico de rua atualmente perante os olhos da sociedade.

Não existe uma certeza a respeito de uma data de criação ou mesmo de um criador sobre o aparecimento da arte de rua. Segundo Mendonça (2019), a arte de rua surgiu na Grécia Pré-Socrática em que os cantores difundiam os seus versos e músicas pelas ruas, com intuito de seduzir a atenção do público pelas melodias, ritmos, movimentos e o sentido das letras, que sempre desvelavam uma forte mobilização ideológica através de uma sábia articulação representativa.

Outra manifestação artística e social também é encontrada em meados do século XII, na Idade Média. Por não existir a imprensa gráfica ou a possibilidade da rapidez jornalística, os poemas eram declamados em ruas, praças, festas e palácios, com intenção divulgativa. Acompanhados de música, passaram a ser chamados de trovas ou cantigas.

O Trovador terá sido o primeiro Artista de Rua, tendo por missão recitar versos e poemas para o contentamento do público, especialmente dos reis e do clero. O Trovador era conhecido como poeta nobre, enquanto que o poeta plebeu era conhecido como Jogral, de classe popular, que não fazia parte da nobreza. Realizava apresentações mais simples e humildes para os senhorios das terras. Aos artistas mais simples chamavam bobos da corte, até porque eles faziam mágicas, mímicas, acrobacias ou sátiras.

No século XX, algumas das artes como a mímica e as estátuas vivas surgiram de maneira que a literatura especializada indica. A arte urbana surgiu nos Estados Unidos, na década de 70, tendo a influência de mais estilos, como a arte escrita, cantada e musical, tal como o *Hip hop*. Um exemplo de música que despontou das ruas foi o Jazz, nas regiões de New Orleans, Texas e Mississipi, através de movimentos populares negros e de rua que proclamavam um dos ritmos mais admirados pela qualidade das suas músicas. Um fato curioso, é que esses trabalhadores tocavam nas ruas os clarinetes e saxofones, após o trabalho, para fugir um pouco da rotina do quotidiano e relaxar.

Também no Brasil, a arte de rua chegou na década de 70, mais especificamente com as obras de grafite nas paredes da cidade de São Paulo, numa época em que o país passava por uma Ditadura Militar. Embora julgada como uma arte marginalizada, conquistou visibilidade no mercado da arte, através de artistas consagrados pelo mundo.

Apesar de o trabalho de rua não ter o reconhecimento merecido de muitos, não se pode deixar de evidenciar a sua importância e a expressão do artista para a sociedade.

Neste sentido, Mendonça (2019) comenta:

"Por fim, ainda que carregada de preconceitos, o caráter conceitual e crítico da Arte Urbana é o que mais atrai os jovens para essa cultura mantendo, inclusive, o seu crescimento."

Para acontecer, a arte de rua não precisa da rua para que aconteça, ela explode com beleza inextinguível em inimagináveis locais e horários que não imaginamos.

Para Aidar (2021), em texto publicado no sítio Toda Matéria, a arte urbana é uma forma de expressão através de manifestações artísticas realizadas em espaços públicos, onde cresceu, abrangendo várias áreas artísticas.

O objetivo principal da arte urbana é sair dos locais de “glamour”, dos espaços criados para apresentações artísticas com equipamentos, e levar para a rua a arte feita pelos artistas que, na maioria das vezes não são conhecidos, para ser visível no cotidiano da população, através da arte que ali expressam. Atualmente, segundo a matéria de Imbroisi (2017) publicada pelo sítio História das Artes, grande parte das apresentações de rua são de caráter teatral, musical, circense, podendo ser trabalhos individuais ou em grupo.

Buscariolli *et al* (2016) aponta a importância do nível de profissionalização dos artistas de rua, relacionando-a com a qualidade da apresentação, concluindo que muitos expõem com bastante experiência e habilidade. Há muitos músicos de rua que são famosos em redes sociais e estimados pelo público.

Ainda nos estudos de Buscariolli *et al* (2016), a maior parte dos artistas de rua costuma realizar as suas atuações nos grandes centros das cidades e em horários de maior movimento, embora alguns horários sejam mais oportunos, como por exemplo ao final da tarde ou à noite, quando as pessoas estão com maior disponibilidade de tempo e procuram alguma distração para relaxar após o seu dia de trabalho.

Segundo Falcão (2017), a arte potencializa-se em todos tempos e ao mesmo tempo, indo além da realidade estabelecida, e promove todo tipo de utopia:

” Pensar sobre a arte nas ruas é refletir sobre o interagir na cidade. Pensar sobre a interação dos músicos que tocam nas ruas é refletir sobre essa prática social e seus significados.” (FALCÃO 2017, pag. 164).

Para a autora, os músicos de rua trazem lazer às pessoas e aos turistas das grandes cidades, interagindo de alguma forma através das suas “performances” e expressões de arte, embora aos olhos da comunidade de modo geral, a rua continue sendo um local sem atrativo, pois o pensamento que se tem é que lhes falta trabalho e a música é apenas uma diversão, não sendo visto como uma profissão.

A grande maioria das pessoas relaciona o músico de rua ao entretenimento e não a uma atividade lucrativa, como um trabalho que é sustento de vida. Essa é uma contradição entre o fictício social e a realidade dos músicos.

## **2. O Músico de Rua em Portugal**

Os músicos sempre tiveram uma grande representatividade em Portugal, nomeadamente desde a época do Império Português.

Na corte e nas casas da nobreza, era muito usual a presença de músicos, destinados a acompanhamentos de cortejos e festividades, em disputas guerreiras, atos religiosos ou em saraus junto aos palácios. Os músicos participavam em vários momentos do dia dos seus reis. Os monarcas, quando estavam no despacho, nas sextas, ao deitar, ao jantar e até mesmo nos passeios de barco e nas caçadas, eram acompanhados por seus instrumentistas e cantores. [...] “D. João VI, ao levar a corte para o Brasil, fez-se acompanhar de músicos e da sua biblioteca musical, atraindo para a colónia compositores como Marcos Portugal. (FONSECA, 2019, p.180).

Aliás, e de acordo com Fonseca (2019), a sua estadia no Rio de Janeiro revolucionou o ambiente da música. A utilização de escravos negros ou negros livres como músicos pela nobreza, assim como pela sociedade em geral, bem como a

preferência pela arte das danças e sons da cultura africana, tudo isto revolucionou o estilo musical europeu.

Testemunhos existentes apontam a continuidade com que a nobreza portuguesa, nos séculos XVI e XVII, usou escravos como músicos, principalmente instrumentistas, prolongando-se esse vezo até ao início do século XIX.

A utilização de negros foi muito maior, sobretudo escravos, como músicos quando a corte portuguesa se retirou para o Brasil em 1808. Quer no reino, quer em terras do império português, o uso de escravos ou libertos como cantores e instrumentistas foi vulgar ao longo de séculos. Esses homens e mulheres, apesar da sua condição de total dependência dos senhores, pelas suas aptidões naturais e pelo esforço pessoal que certamente tiveram de desenvolver, deram uma contribuição apreciável para a prática e, em certos casos, para o aperfeiçoamento da arte musical. (FONSECA, 2019)

A revolução na música é paralela à revolução e ao crescimento humano, com a criação das máquinas no século XVIII. Deixou de se ter a tranquilidade e sons da natureza e sim os ruídos das máquinas. Apesar disso, a vida humana evolui com a modernidade.

De acordo com Graves (2005), as políticas europeias, que se desenvolveram a partir da segunda metade do séc. XX, tentaram democratizar a cultura elitista e atrair novos públicos, promovendo e subsidiando exposições de arte e espetáculos de música e teatro.

Porém, estas novas políticas falharam, pois o público em geral continuou afastado dos eventos culturais. Posteriormente, os governos passaram a implantar a democracia cultural que aceitava a igualdade de diversas culturas. O princípio do desenvolvimento cultural era ajudar os indivíduos e as comunidades a aprender e, neste sentido, as instituições culturais apoiavam os esforços de desenvolvimento das comunidades, em projetos de animação sociocultural. (GRAVES, 2005).

Após a Revolução de 1974, segundo os estudos de Boal-Palheiros (2014), com as transformações políticas, sociais e económicas em Portugal, foi declarado como prioridade o acesso à cultura e à educação, que contribuíram para uma democratização cultural.

Na cidade do Porto, a Casa da Música criou um projeto social, no ano de 2009, para a inclusão de pessoas sem abrigo no meio musical. O objetivo foi de criar uma pequena orquestra, com ensaios regulares semanalmente, para a inclusão de pessoas excluídas e carentes, como moradores de rua, sem-abrigo, sem-teto, em grupos de risco,

que moram em albergues e pensões. Além desse, existem outros projetos sociais, criados em 2008, pelo governo de Portugal, através do Ministério da Saúde, como o de Música nos Hospitais, que leva a música para crianças que estão doentes e fragilizadas, no intuito de aliviar seus sofrimentos. (BOAL-PALHEIROS, 2014).

O relato do brasileiro Racor (2020) no vídeo "Como é ser Músico de Rua em Portugal e quanto se ganha?" publicado por ele no *Youtube* revela como é ser um músico de rua na capital de Portugal, Lisboa. O brasileiro comenta que não existe muito preconceito com os músicos de rua em Portugal, sendo tratado com normalidade e uma peça do cotidiano, enquanto que no Brasil ele sentia indiferença por parte do público. O músico considera ser muito importante que se saiba falar o inglês fluente, para poder cantar, pois sempre terá público e turistas que prestigiam, principalmente se se tratar de *pop rock*.

Segundo Racor (2020), a palavra chave para um músico de rua é conexão, pois é preciso saber-se conectar e ter boas relações com o público justamente por existir um contacto direto.

Na reportagem de Reis (2021), no jornal *Mensagem de Lisboa*, a repórter conta a história do jovem violoncelista brasileiro, que trocou o palco das orquestras brasileiras pra tocar nas ruas de Lisboa. Com a pandemia, o brasileiro desiluiu-se com seu sonho de ser músico na Europa. O brasileiro, da cidade de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul, veio a Portugal em 2019 para estudar mestrado. No Brasil, ele era professor de violoncelo e maestro de orquestra, e deixou os seus empregos em busca de um sonho na Europa. Por falta de maiores oportunidades dentro da área musical em meio pandémico, ele escolheu a rua como seu maior palco e seu local de trabalho. Através de uma breve análise do público, o violoncelista estuda um repertório variado que vai ao encontro de todos os gostos musicais. É desta maneira que o jovem sempre analisa o público que está ao seu redor para poder escolher a música que irá tocar e conseguir conquistar e tocar o coração de quem ali passa. Ele comenta:

“Se são mais jovens toco um repertório mais pop e eu vejo que agrada a eles. Eu também toco um pouco de música erudita, porque tem pessoas que gostam muito, principalmente as pessoas mais velhas. É uma música que toca mais, é mais sensível. Óbvio que estou aqui para ganhar dinheiro, mas eu também preciso de ter um sentido.” (Julio da Luz Silva, 2021)

Segundo a notícia do Jornal online *Virtz*, de agosto de 2020, alguns músicos brasileiros, portugueses e angolanos reuniam-se em Lisboa para um projeto conhecido como Movimento Reverbera. O objetivo desse projeto era incentivar a cultura e os artistas independentes que, por conta da pandemia, tiveram seus eventos congelados. Os músicos apresentavam-se em cima de um trio elétrico e passavam por várias regiões de Lisboa, com transmissão *online*, evitando as aglomerações, e levando assim a música, para que as pessoas pudessem apreciar os seus trabalhos e alegrar-se, em tempos difíceis de reclusão, devido à pandemia da Covid-19. Artistas conhecidos contribuem na divulgação do projeto, para que os músicos com menor reconhecimento também pudessem fazer circular a cultura e a arte, durante o período pandémico. Alguns músicos brasileiros famosos, como Alceu Valença, Mart'nália e Diogo Nogueira, apoiaram o projeto.

Conforme apontado pelo Entrevistado A (2021) em Portugal, principalmente na região das cidades de Porto e Lisboa, há uma grande comunidade brasileira que toma as ruas das cidades em busca de oportunidades de mostrar sua arte com a música.

Na capital Lisboa, atualmente há duas escolas que formam músicos de rua. Ambas têm um caráter de artista de rua, artista independente e cultura livre. A primeira é voltada para a área circense, e a segunda para a música na qual se encontram cursos de *jazz* e cursos livres de vários instrumentos. A segunda escola, ensina tanto música clássica como música popular e é voltada para todas as idades. Para além das aulas de instrumento, a escola oferece 50 minutos semanais de aulas de Formação Musical, além de oferecer vários cursos e pacotes que incentivam para além do estudo do instrumento, o estudo de formação musical, teoria e solfejo. Tal pode para ser comparado a um estilo de conservatório de música em ambiente mais livre. Ambas as escolas aceitam membros de qualquer idade e isso tem um valor significativo no ensino e no apoio à cultura em Portugal. Além disso, as escolas apoiam o ensino musical dos artistas de rua.

A pandemia da COVID-19 tirou aos artistas de rua o seu palco e rendimento. Sem apoios governamentais ou institucionais, foram obrigados a reinventar-se e alguns abandonaram a arte para sobreviver, enquanto outros simplesmente esperam pelo regresso.

### **3. A Atualidade do Mundo Musical com a Covid-19**

No terceiro tópico, iremos retratar a atualidade do mundo musical devido a pandemia da Covid-19, os prejuízos, as restrições, a esperança pela arte e cultura, os sonhos, as inovações que surgiram durante este momento de tensão, serão alguns dos assuntos relatados. A pandemia fez com que a arte de maneira geral fosse forçada a parar, mostrando-se que o vírus conseguiu parar artistas de vários lugares do mundo.

Músicos e artistas perderam sua principal fonte de renda e de inspiração com a falta do trabalho da rua, devido a pandemia e o confinamento. Os artistas perderam seu palco e sala de espetáculos. (RACOR, dezembro, 2020).

Com o fim do confinamento e baixa do turismo, os músicos e artistas de rua tiveram seus rendimentos extremamente reduzidos. Precisaram de reinventar-se e usar a criatividade para sobreviver a pandemia, necessitando ficar afastados das ruas, para evitar aglomerações e o contágio. Além da falta de renda, sentiram a falta do público e contacto com a população, mas não deixaram de perder a esperança de um dia voltar à vida normal. (GOULART, 2020).

No Brasil, por exemplo, não há um plano adequado de auxílio aos artistas por parte do Ministério da Cultura. Muitos músicos necessitaram se adaptar temporariamente em outros trabalhos, para poderem manter-se a si e suas famílias.

Nas entrevistas feitas por Falcão (2017), é notável que vários dos músicos de rua entrevistados do Brasil migraram para cidades maiores e de turismo, em busca de uma melhor qualidade de vida, melhores condições para a vida artística e ambiente mais alegre e de maior energia. São cidades onde principalmente o turismo leva a cultura em frente, sendo possível a realização de trabalho no que se ama: a música.

Com o surgimento da pandemia da Covid-19 no mundo, foi fechado por período indeterminado o espaço dos artistas de rua e músicos independentes. A nova fase fez com que os músicos necessitassem de se adaptar à nova realidade. Com a redução das restrições de quarentena e reabertura do comércio em julho de 2020 em Portugal, muitos músicos voltaram a tocar na rua ou em bares, porém, apenas com licença. Houve preconceito relativamente aos músicos durante a pandemia, devido à percepção da sociedade de que "músico é sinal de aglomeração", mesmo respeitando o

distanciamento social. A fiscalização policial havia aumentado, e muitos músicos de rua necessitaram de se reinventar com *lives*, *wokshops*, cursos e aulas online de maneira a não perderem renda total e conseguirem até mesmo aumentar o seu público através dessas plataformas online. (Entrevistado A, 2020).

No trailer do documentário *Por Detrás da Moeda*, de produção do diretor Luis Moya, publicado no ano de 2020, relata-se a vida dos músicos de rua que procuravam sobreviver através da arte. Através da entrevista em fevereiro de 2020, para o site *Bom dia Eu*, Luís Moya relata:

“Admiro a coragem desta gente, podiam estar a trabalhar noutro sítio alguns deles, que têm formações. Estão a dar um concerto na rua, um espetáculo, quem quiser parar e ver pôr uma moeda, ninguém obriga ninguém. Com esse dinheiro pagam as contas, compram calçado, sustentam os filhos. É preciso ter coragem, neste país, viver da música, ou cinema, ou qualquer arte. Eu não tive essa coragem, continuo a trabalhar e a conciliar com a paixão que tenho”.

O filme não se encontra disponível em nenhuma plataforma digital e ainda não foi lançado devido à situação da pandemia. Ainda no documentário *Por Detrás da Moeda*, publicado no site *Bom dia Eu* (2020), a frase mais impactante dita é: "um músico que toca na rua é o mesmo músico que toca num palco", refletindo sobre a realidade sofrida por muitos e suas batalhas.

No texto escrito por Tallarico (2020), escreve-se que "apesar da cidade ser necessariamente um personagem do filme, o foco é nos músicos de rua que procuram sobreviver a partir de suas artes."

Apesar da pandemia, o vírus não conseguiu afetar totalmente a arte dentro dos corações dos artistas de vários locais do mundo. O surgimento de novas ideias e a espera de dias melhores no mundo artístico fez com que tivessem mais precauções, consciência e conhecimentos diferentes para poderem aprimorar os trabalhos musicais.

A música trouxe alegria e esperança para várias casas e lares, mesmo com o confinamento.

Um exemplo que começou na Itália e foi seguido por outros lugares do mundo, foi a iniciativa dos músicos tocarem e cantarem nas janelas das suas casas. No vídeo lançado pelo jornal *O Globo* no canal do *Youtube*, publicado em 13 de março de 2020, mostra-se os italianos no início de março de 2020, em quarentena, cantando músicas como forma de união.

Em reportagem feita pelo *Fantástico*, da Emissora Brasileira *Rede Globo* publicada no dia 29 de março de 2020, publica-se a união e o pensamento da população durante a quarentena e confinamento, e uma da maneira de desopilar era escutando música. Cantos de “Parabéns a Você” foram cantados através das janelas das casas por músicos e comunidade aos aniversariantes. Longe dos palcos, muitos artistas levavam um pouco de sua arte aos seus vizinhos, cantando através de suas varandas, não somente os músicos de rua, mas até mesmo músicos reconhecidos.

O músico de rua Samuel Morales, entrevistado por Zeppi e Viñas (2020) pela *CNN Brasil*, relatou que estava sem rumo, sem ter para onde recorrer, sem trabalho para pagar as contas e prestes a assistir ao nascimento da sua primeira filha. Subitamente surgiu-lhe uma grande oportunidade de trabalhar como músico para tocar em formato de serenata, em frente às janelas, em eventos privados.

No Rio de Janeiro, através do vídeo e entrevista pelo G1 Rio, é apresentado o caso do saxofonista que começou a tocar em datas comemorativas para levar a alegria da música às janelas. O entrevistado pôde ser contratado para tocar em datas comemorativas em frente a casas de moradores que desejavam alguma comemoração sem aglomerações. Ele comenta que "o projeto trouxe um sopro de vida no meio de dias tão cinzentos". Além de comemorações de casamentos, namoro, aniversários, o músico contou a emoção em tocar para uma jovem curada da Covid-19.

De acordo com a notícia publicada pelo *Diário de Coimbra*, em abril de 2020, na cidade de Coimbra, em Portugal, foi criado o projeto "Canções da Quarentena - Coimbra" com o intuito de ajudar os músicos que passavam dificuldades durante o confinamento. Foram feitos concertos online diários na página do *facebook* do projeto. Dentre os músicos que tocaram no projeto, muitos eram brasileiros que vivem em Coimbra. Geralmente aos sábados, a transmissão *online* era feita de maneira coletiva com os músicos participantes do projeto. Por serem muitos músicos brasileiros, as arrecadações podiam ser efetuadas tanto para uma conta de Portugal como para uma

conta do Brasil e o valor era dividido entre todos os músicos participantes que estavam necessitando para sobreviver.

Em 2020, antes da pandemia, foi criado o grupo Dois & Ela Trio, com o intuito de tocar em casamentos, bares e eventos em geral. Por falta de um local para ensaios, o grupo costumava ensaiar na rua, como um modo de descontração e tornar o ensaio de forma aberta ao público. Após a liberação do primeiro confinamento em Portugal, em maio de 2020, o grupo foi a rua em frente ao antigo *Faces Bar* na Rua Formosa, na cidade de Viseu, para realização de sua primeira apresentação como trio. Durante um dos ensaios, o grupo resolveu realizar um ensaio aberto no Parque Aquilino Ribeiro, daquela cidade, local muitas vezes escolhido por eles. Durante um dos ensaios, receberam elogios e mensagens positivas do público que ali passavam, tais como: "Obrigada por permitir escutar música boa a essa hora, melhoraram o meu dia!" O grupo de violoncelo, violão e voz era composto por Jonathan Santos, Elvis Rosa e Camila Souza.

#### **4. Saúde Mental do Músico de Rua na Pandemia**

As artes de rua sempre estiveram presentes e foram admiradas em todo o mundo, principalmente em cidades turísticas, sendo bastante comum encontrar músicos tocando pelas ruas, praças e até mesmo em volta de cafeterias e bares. Os músicos ocupam os espaços públicos para apresentar a sua arte e o público em geral apoia-os, encantando-se e sensibilizando-se com a possibilidade de lazer em espaços sociais.

Com a chegada da pandemia do novo coronavírus (COVID-19) decretado pela Organização Mundial da Saúde, em 11 de março de 2020, a maioria das pessoas viu-se em situação de confronto e desafio particular. O Mundo praticamente parou. Tivemos que nos recolher, ficar nas nossas casas, isolados. As ruas ficaram vazias, não havia mais público para admirar os trabalhos de rua.

Na reflexão de Macedo (2020) o tom é de um sentimento de tristeza mundial, como a autora escreve: " A cidade acorda e adormece em silêncio". A autora tratou o vírus como "o estranho", fazendo uma analogia, dizendo da necessidade de tratar o vírus, ou o estranho, com respeito, pois não sabíamos como ele poderia reagir.

Diariamente, recebíamos notícias ruins, vindas de várias partes do mundo, causadas pelo vírus. Vivemos um cenário difícil, com restrições impostas pela pandemia do COVID-19 e os reflexos da crise na saúde e na economia.

De acordo com a informação da OMS (Organização Mundial da Saúde, publicada em julho/2021), “as pessoas foram afetadas de alguma forma, seja pela ansiedade ligada à transmissão do vírus, o impacto psicológico do isolamento, ou fatores como desemprego, dificuldade financeira e exclusão socioeconómica.”

A pandemia do coronavírus impactou a sociedade e todos os indivíduos em diversas esferas. As pessoas necessitaram readaptar as suas rotinas, encontrar novas saídas para enfrentar a crise sanitária. E assim, algo que já era comum no dia-a-dia das pessoas, foi essencial neste período de pandemia – a música.

A autora Macedo (2020) reflete sobre a arte e a música na pandemia:

“Deixei” entrar um estranho na minha vida. Por que razão eu permiti tal coisa? Não tive alternativa. Mas por que motivo não tive alternativa? Porque este estranho é silencioso e eu não o ouvi, nem senti. Entrou pé ante pé. Foi uma armadilha, foi! (...) E agora? Fiquem em casa! Fechados em casa! Sítios parados! Escolas paradas! Economia parada! Aldeias, vilas e cidades completamente paradas! Asfixiou-nos num silêncio ensurdecedor (...) Como se vive sem cultura? Dizem-me, se fazem favor? Os espetáculos de teatro não se realizam; os concertos de música também não; festivais de verão cancelados; a festa do Avante, não sei!!!??? Como vivem os artistas nesta altura? Mal! Ouçamo-los e percebemos tudo. Eles tentam oferecer-nos aquilo que sabem fazer, via online, mas não é a mesma coisa.”

Para quem é músico, sabe-se o quanto se vive cheio de preocupações e inseguranças, pois esta é uma das profissões que exige conhecimento prático e teórico, antes mesmo de uma Graduação em Música, por estarem previamente, na maioria, inseridos já no mercado de trabalho musical.

A pandemia fez com que surgissem várias iniciativas artísticas e culturais, principalmente voltadas para as redes sociais e online. Entretanto, vários músicos, de muitos países, transformaram as varandas dos seus prédios em palco para tocar, com o intuito principal de diminuir a sensação de isolamento. A questão que fica é saber como eles se conseguiram sustentar financeiramente. A arte e a música são essenciais para

termos uma boa saúde mental, porém, na pandemia e confinamento, muito músicos ficaram sem conseguir manter a família, surgindo um stresse e cansaço mental. (LOURO *et al*, 2020)

Muitos dos músicos professores, para além da sua posição de *performer*, necessitaram adaptar-se às aulas online, adquirir novos equipamentos, para darem suas aulas mais adequadamente. Além disso, precisaram estudar e aprender sobre plataformas digitais. Isto tudo, fez com que saíssem da sua zona de conforto.

Foram necessários criar protocolos de segurança a serem seguidos, em especial aos músicos cantores e instrumentos de sopro. Todas essas novas situações em busca de uma melhor adaptação de sobrevivência, causaram muitos sentimentos como a ansiedade, desânimo, medo e tristeza. E o excesso de tais sentimentos é sempre preocupante, pois o stresse influencia a nossa saúde física e mental, com alterações químicas no nosso cérebro e corpo, podendo vir a contribuir para o desenvolvimento de transtornos ansiogénicos e depressivos. Mas certamente não é o único fator, pois outros elementos também podem contribuir ou serem responsáveis pela doença mental, neurológica e física.

O quotidiano dos músicos, na grande maioria, é agitado, mas a pandemia trouxe um stresse excessivo e preocupante, afetando a saúde mental e várias funções emocionais e cognitivas.

<b>Rotina Normal do Músico</b>	<b>Rotina do Músico coma pandemia</b>
- Ansiedade	- Falta de trabalho devido ao isolamento
- Falta de tempo	- Perdas pessoais e profissional
- Muito estudo	- Dificuldade com a rotina e atividades virtuais
- Muita cobrança	- Preocupação com o futuro
- Investimento alto	

Figura 1 - Músico e o Stresse na Pandemia - Fonte: elaborado pela autora.

Com o stresse e a saúde mental afetados devido a Covid-19 e ao confinamento, problemas de saúde e alterações físicas e psicológicas surgiram, como, por exemplo, a baixa produtividade, o cansaço, a agressividade, os problemas de ansiedade e depressão, a alteração na rotina do sono, a falta de atenção e memorização, os problemas emocionais, entre vários outros causados e de enorme preocupação.

Mas, apesar de serem preocupantes, para se obter uma melhoria na rotina do quotidiano, mesmo em fase de confinamento e evitar um stresse excessivo, é importante fazer atividades que tragam prazer, para aumentar os estímulos neurológicos. Alguns exercícios como a meditação, exercícios físicos e de respiração, e até mesmo a jardinagem, é comprovado que auxiliam na diminuição do estresse, e são maneiras de estarmos em paz durante esses conflitos. Além de exercícios, é importante criar rotinas para fortalecimento do cérebro, como ler e escrever, cuidar da casa, entre outros.

Algumas recomendações importantes:

- Pensar no presente e ter uma rotina anotada em papel, com tempo para trabalho, descanso, lazer, etc.
- Exercícios de respiração e meditação
- Conversar com amigos e família, mesmo sendo de forma *online*
- Praticar atividade física, nem que seja uma simples caminhada diária
- Manter uma prática espiritual ajuda a diminuir o sentimento de estar sozinho
- Começar tratamento de psicoterapia para conhecer a si mesmo e auxiliar na angústia do confinamento

Para Claro e Lapa (2020), a música é uma forma de manter uma boa saúde mental, para aliviar o sofrimento e sentimentos que são causados no nosso quotidiano. Percebeu-se o quanto a música auxiliou durante o período de crise pandémica e confinamento. A música sempre foi alvo para uma boa saúde mental, e em tempos difíceis de pandemia comprovou a sua importância para manter o ser humano lúcido, e o bem-estar psicológico e mental, com uma boa saúde.

Através da pesquisa feita com os entrevistados, podemos ter uma ideia de como a pandemia afetou os músicos, principalmente na fase de confinamento. Nem todos os entrevistados conseguiram responder a essa pergunta. No entanto, conseguimos ter uma informação base a partir de alguns deles. Para o Entrevistado A, músico na cidade de Lisboa, os problemas que ele teve e ainda estão presentes, mesmo após o confinamento, são:

- Medo excessivo de não conseguir ganhar dinheiro com público.
- Como o músico se apresenta a um público, tal fomenta uma fobia e a desconfiança das pessoas.
- Perda de técnica vocal e efeitos vocais.
- Falta de valor como artista.
- Setor da cultura afetado na parte financeira, principalmente os independentes.
- Sensação de ser *performer* inválido.
- Medo da polícia nas ruas.
- Licenças que nunca concedidas e falta de empatia nas Juntas de Freguesia.

Seguindo na mesma linha, o Entrevistado B, músico de rua no Brasil, conta que não houve um período longo de confinamento, como em Portugal e outros países, e que apenas no início da pandemia foi feito o confinamento. A saúde mental do musicista foi afetada, pois havendo como trabalhar, ficava-se muito exausto e saturado durante a quarentena. Mesmo após a abertura do comércio, ele sentiu-se desesperançado e sem saber como trabalhar.

O Entrevistado B refere que:

"As coisas melhoraram quando voltei a tocar na rua com todos os equipamentos e protocolos de segurança. A partir desse momento melhorei, porém, o pensamento de cuidar de si e do próximo sempre vem à cabeça."

Para o violoncelista, Entrevistado E, que é músico de rua em Lisboa, ele conta que durante o período da pandemia ele teve uma mistura de sentimentos. Além de músico de rua, ele estuda mestrado em Música na Universidade de Évora, e prioriza seus

estudos. Por outro lado, o que afetou foi a questão de não conseguir sustentar-se. Por esta razão, o músico teve que trabalhar *full-time*, o que gerou uma desmotivação, pois estava refém de um trabalho que não tinha a ver com a sua profissão.

Mesmo agora, com a pandemia mais estável, o músico conta que não está sendo fácil tocar nas ruas de Lisboa devido a fiscalização que está sempre em cima. Por esse motivo, a alternativa que encontrou foi de ir tocar noutras cidades próximas, acabando por se desgastar mais.

## **5. Leis Portuguesas para Artistas e Músicos de Rua**

Neste tópico, será abordada a temática das licenças necessárias para que os artistas e músicos de rua possam realizar as suas atuações sem preocupações, bem como a do modo como elas são adquiridas e quais as consequências de não se ter autorização. As licenças em Portugal, diga-se, nem sempre são favoráveis ao artista.

Os centros das grandes cidades sempre serviram de palco para vários artistas mostrarem e apresentarem os talentos mais diversos. Eles sempre foram os anfitriões. Na cidade de Lisboa, capital de Portugal, na famosa Rua Augusta, uma das mais movimentadas da cidade, entre músicos, pintores, caricaturistas e estátuas humanas, todos conseguiam um lugar para se apresentarem, embora a maioria deles não possuísse qualquer licença de ocupação do espaço público. Muitos por desconhecimento ou até mesmo por comodismo, não pagavam a taxa municipal à Câmara de Lisboa, que exige uma licença de ocupação temporária do espaço de domínio público para animações de rua.

O Publicitário e Músico de Rua, Raphael Racor, através do seu vídeo publicado no YouTube, em 01 de abril de 2021, comenta o funcionamento das leis para músicos e artistas de rua em Portugal, principalmente em Lisboa.

Primeiramente é necessária uma autorização para poder utilizar o espaço público, porém, essa autorização tem validade por determinado período e para determinada região, sendo necessário solicitar a autorização na Junta de Freguesia da região em que deseja atuar. Infelizmente, a maioria dos músicos toca sem a licença, pelo fato até de não conseguirem a autorização com facilidade, correndo o risco de serem apreendidos

os seus instrumentos e equipamentos musicais. As leis para os músicos e artistas de rua em Portugal mudam de cidade para cidade e de região para região.

O Entrevistado A (2021), músico brasileiro que vive em Lisboa, comenta:

"As leis são diferentes, são muito burocráticos, deve ser preenchido um formulário, as licenças não funcionam para fazer música na rua. Você deve pagar para a câmara para poder utilizar aquele 2m<sup>2</sup>e é precisamente esse local, não se pode tocar fora dali. Não é uma licença para tocar em qualquer local da cidade. As leis são diferentes e mal aplicadas, não tem ninguém que saiba a fundo, pois cada processo é um processo diferente. As leis estão aí mas não tem quem aplique, pelo menos em Lisboa é assim. Cada junta de freguesia é diferente e os músicos de rua tocam assim sem licença e vão na sorte, pois podem ser apreendidos a qualquer momento."

Assim como em Portugal, também em Espanha, por exemplo, as licenças são pouco solicitadas por músicos e artistas de rua. Na cidade de Porto, urbe de porte turístico em Portugal, não é necessário obter licença, porém, existe um código de conduta informal, que mantém a boa relação entre os artistas de rua e comerciantes. (FALCÃO, 2017).

No relato escrito por Roriz (2010) para a revista *Migrações*, o brasileiro, que veio a Portugal com o objetivo de viver e se estabelecer com a música no exterior, fala um pouco sobre a sua trajetória, desde a chegada a Portugal e a rápida conquista de algum êxito dentro do mundo musical, pois logo ao chegar conseguiu um contrato para tocar numa casa noturna em Cascais. Para os músicos, é necessário conseguir um trabalho com contrato na área musical para se conseguir ficar legalizado no país, como foi o caso do músico em apreço.

As pessoas ligadas ao desporto e às artes podem pedir residência direta, desde que representem relevância para o país. O brasileiro Roriz (2010) providenciou os comprovativos e auxílios possíveis para se legalizar em Portugal e conseguiu o seu título de residência como artista. Mas não é fácil para um músico de rua mais vulgar que pode não conseguir o título de residência de artista, sendo preciso um trabalho ou ser estudante para aquisição do mesmo.

Em seu vídeo, Raphael Racor (2021) menciona os vários espaços públicos interessantes e disputados na cidade de Lisboa para tocar, como, por exemplo, o Bairro da Graça, um dos bairros mais boémios, e a necessidade e importância da licença,

através do preenchimento de um formulário, sendo necessário estar descrito cada pormenor, informando o metro quadrado a ser ocupado, descrição dos equipamentos, quase sempre portáteis e a bateria, por não poderem utilizar energia elétrica e os decibéis (volume) para a atuação, pois há entre os músicos de rua respeito e consideração pelo público para que não haja agressão sonora.

É também muito importante para os músicos que desejarem regularizar a sua atividade financeira e inscreverem-se no CIRS-2013, junto aos órgãos de finanças, o que poderá ocorrer on-line, no Portal da Finanças, no sítio específico para músicos, não pagando imposto, tendo durante um ano de isenção de IRS (Imposto de Renda) e podendo de imediato emitir recibos como músico.

Com os recibos emitidos, o músico terá seus direitos garantidos, como qualquer outro trabalhador, com segurança social, apoio do Governo, reconhecimento da Loja Cultura de Lisboa, da Câmara de Lisboa, tendo assim o reconhecimento como profissional.

Uma pesquisa feita na cidade de Viseu, localizada na região central de Portugal, junto da Câmara Municipal e na Central de Arquivos de Viseu, verificou-se que não há licenças antigas nem atuais para artistas de rua, podendo dessa maneira os músicos terem maior liberdade para tocar. As atuações, na maioria, são na Rua Formosa, uma das principais ruas do centro de Viseu. A Câmara Municipal de Viseu, como maneira de manter a cultura e a arte, tem contratado músicos e artistas para apresentações no período de verão em diferentes locais, como, por exemplo no Parque Aquilino Ribeiro ou na Sé de Viseu.

Não existem leis específicas para os artistas de rua em Portugal, havendo apenas licenças, sendo que poderão variar muito entre as cidades e juntas de freguesias, bem como o valor pedido por cada licença.

## 6. Opções Utilizadas pelos Músicos de Rua em Pandemia

Passando para o presente tópico, iremos ver diversas alternativas e opções que foram criadas e utilizadas por músicos de rua durante a pandemia, e que ainda podem ser usadas como medidas de segurança devido as restrições que ainda são necessárias, e também como forma de reserva financeira. Vários relatos de músicos de rua do Brasil e de Portugal são apresentados dentro deste tópico.

Todos os entrevistados contam um pouco da sua trajetória na música durante a pandemia e a quarentena. As medidas de precaução tomadas por eles levam-nos a um pensamento de que a arte consegue sobreviver mesmo com o distanciamento.

Para os músicos brasileiros, no Brasil, os artistas de rua têm permissão para venderem produtos autorais. No ano de 2020, alguns artistas de rua criaram *sites* para a divulgação dos locais, horários e informações adicionais sobre as suas atuações. Atualmente esses *sites* já não se encontram disponíveis. Isso seria uma solução plausível nos tempos de pandemia, para que não houvesse conflito de artistas de rua num mesmo ambiente e horário, proporcionando a oportunidade de revezamento artístico nos locais de atuação. Segundo as observações feitas por Buscariolli *et al* (2016), a maior parte dos músicos e artistas de rua são do sexo masculino. Olhando a maior parte de atuações artísticas, a maioria é de músicos, tanto instrumentistas como cantores, e a que o público melhor aceita e aprecia.

O público alvo são geralmente os mais jovens por serem mais receptivos e que mais bem aceitam os artistas e músicos. Os músicos conseguem uma interação grande também com as crianças, fazendo com que automaticamente os responsáveis estejam prestigiando e apoiando os artistas. (BUSCARIOLLI *et al*, 2016).

Durante a pandemia, houve que buscar soluções para os novos problemas e criar outras alternativas para conseguir sobreviver com a cultura e a música. Vários músicos tiveram que criar e utilizar diferentes opções para poder continuar os seus trabalhos musicais. Veremos agora algumas saídas que foram utilizadas pelo músicos e que tiveram bons resultados.

As opções utilizadas pelo grupo de músicos do Entrevistado D (2021), grupo de brasileiros de Santa Maria no Rio Grande do Sul, foi a criação de encomendas de vídeos em homenagem ao Dia das Mães de 2021, sendo essas feitas através das redes sociais e enviadas depois para o cliente em formato digital. Além disso, o grupo foi chamado

para tocar no Teatro Treze de Maio na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, numa apresentação em formato diferenciado.

O Teatro da cidade teve a iniciativa de abrir as portas para os artistas de Santa Maria e região, para incentivar a cultura e investir neste projeto novo de levar arte pelas janelas do teatro. O grupo teve a oportunidade de realizar um concerto das janelas do Teatro para a comunidade santamariense. O Entrevistado D, reflete: "Foi a primeira apresentação depois desta fase sem público presente, e ver o sorriso no rosto das pessoas que foram nos prestigiar neste dia foi gratificante". O grupo de músicos, conseguiu realizar duas *lives* ao longo desse período de pandemia, uma no Natal de 2020 e a outra na Páscoa de 2021. Para eles, essas foram as opções mais adequadas durante o período de pandemia.

Uma opção criada pelo Entrevistado B (2021), músico de rua no Brasil, também vindo da cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul, é uma placa de acrílico colocada ao redor do microfone durante as atuações na rua, dessa maneira evitando a proliferação do vírus através da saliva. Outro recurso que o músico também utiliza durante as suas atuações, são as fitas de distanciamento social e uma placa com *QRcode* para contribuição voluntária de dinheiro.

#### O Entrevistado B comenta sobre suas inovações:

"Modéstia parte esses recursos foram criados por mim. Eu comecei a tocar usando o que eu considerava correto me baseando nos protocolos do meu estado que usam no comércio. Assim, criei uma estrutura com regras e fui tocar. A prefeitura não se posicionou contra e os artistas locais começaram a aderir."

O musicista Guazina (2020), brasileiro, estudante de música e músico de rua, conta em seu canal do *Youtube* que criou diversas alternativas para os músicos de rua. Mesmo devendo cumprir o uso de máscaras, não é o adequado para um cantor. Ao cantar com a máscara, o cantor fica exposto a pouco ar e pode ser prejudicial na hora da atuação. A criação de faixas para manter o distanciamento social são ideias para manter a segurança entre o público e o músico. Para o músico poder cantar com aparelhos de amplificação, ele criou uma base de acrílico em volta do microfone para impedir que o vírus se espalhe através da saliva.

Para além disso, o músico tem álcool gel disponível para o público que vai contribuir com algum dinheiro. Porém, existem outras alternativas que ajudam o músico a receber o valor, seja através de um código *QRcode*, seja através da máquina de cartão portátil, não necessitando o contribuinte de ter contacto com o dinheiro e com o artista, evitando a eventual contaminação.

Através das imagens abaixo, temos exemplos de como o músico utiliza essas opções durante suas atuações.



Figura 2 - Aviso de distanciamento (Fonte: Entrevistado B) Entrevistado B)



Figura 3 - Barreiras de distanciamento/ espaço adequado (Fonte: Entrevistado B)



Figura 4 - Exemplo de atuação (Fonte: Entrevistado B)

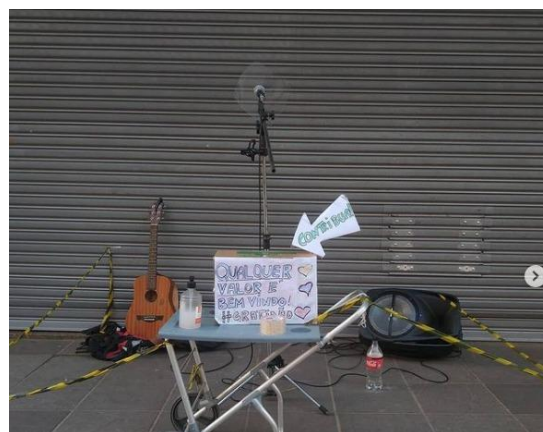


Figura 5 - Microfone com acrílico (Fonte: Entrevistado B)

Como já foi visto, uma das opções para melhorar a saúde mental e também para melhorar a harmonia em contexto de confinamento é os músicos realizarem pequenos concertos pelas janelas e varandas e levaram alegria para a vizinhança, assim como para dentro da própria casa, fazendo a cultura prevalecer. Apesar dos músicos estarem stressados, existem alternativas e essas podem ser seguidas e assim haver uma melhor qualidade de vida.

Em Portugal, em diversas cidades do país, as câmaras municipais estão a realizar eventos de verão e a contratar músicos e artistas para atuações no período estival, como, por exemplo, na cidade de Viseu em que ocorre o evento Verão na Cidade Jardim, durante o verão de 2021. Essa pode ser uma excelente oportunidade para os músicos de rua conseguirem arrecadar uma renda e ainda ter a oportunidade de realizar uma atuação ao público.

Como vimos, muitas opções são de grande utilidade para os músicos poderem crescer e reinventar-se durante a pandemia. Por mais que seja difícil num primeiro momento, existem maneiras diferenciadas de se levar a arte e a cultura para fora de casa, e ainda conseguir sobreviver através da música.

## **7. Músicos de Rua e suas vivências:**

Dentro deste último tópico do Capítulo II, iremos relatar as vivências dos músicos entrevistados, quais foram as dificuldades, medos e soluções que encontraram para seguir com a arte mesmo com as restrições e o confinamento da Covid-19. Os músicos entrevistados foram do Brasil e de Portugal e podemos ver pontos de vistas de diferentes países e culturas.

Para as pesquisas feitas dentro deste trabalho acadêmico, foram realizadas várias entrevistas com músicos de rua, os quais contam algo sobre suas vivências durante o confinamento devido ao coronavírus (Covid-19), as experiências positivas e negativas que passaram e como, acima de tudo, conseguiram reerguer-se e ultrapassar os obstáculos que surgiram na cultura. Vejamos agora, um pouco dos relatos de cada entrevistado.

Durante a entrevista realizada com o Entrevistado A, ele conta sobre as complicações em que um músico tem enfrentado para conseguir gerir tudo sozinho, tendo em vista que a maioria dos artistas não possuem os conhecimentos adequados para conseguir reerguer-se perante a situação atual. É necessário adquirir conhecimentos digitais e de *marketing*, e nem todos conseguem. O músico fala que "mesmo alguém tenha, falta tempo e dinheiro de investimento para crescer em redes sociais".

Os materiais de gravação sonora e audiovisual são investimentos caros, porém necessários e adequados para se ter uma boa divulgação do material e conteúdo

produzido, bem como para conseguir chamar a atenção do público. Tudo isso carece de muito tempo e dinheiro dos artistas.

Os proventos que os músicos de rua têm recebido durante a fase do confinamento são recebidos através de plataformas de serviço, como o *Paypal*. Para conseguir essa ajuda, os músicos buscaram uma interação maior com as *lives* através das redes sociais, como *intagram* e *facebook*. O Entrevistado A, comenta que não existe tanta captação de público nas redes sociais e que, além de ter um clima diferente durante a atuação, não se consegue uma boa remuneração.

Com relação ao futuro dos músicos de rua, o Entrevistado A reflete e comenta:

"Eu não sei se será possível tocar na rua da mesma maneira de novo, pois sempre foi na margem da ilegalidade, então, não tem um órgão que legalize isso decentemente, tem apenas as juntas de freguesia mas o serviço é escasso, se tornando um trabalho marginalizado. Para quem só fazia rua, era praticamente como um pedinte. Não dá nem para considerar como profissão, é bem triste."

Ao pensar no futuro dos artistas, apenas a partir de 2025, acredita-se, iremos voltar à normalidade, entretanto, a profissão do músico de rua ficará prejudicada e uma vez mais sem ter grande valor para a população. Vendo a situação no ano de 2020, quando se trata de auxílios para os músicos durante a fase de confinamento, o que foi recebido através governo foi totalmente insuficiente.

Para os músicos que trabalham com eventos particulares, vemos que a maior parte deles foram adiados para o ano de 2022 ou então cancelados, o que implica uma diminuição do trabalho.

Nem sempre um músico de rua trabalha apenas nas ruas, como no caso do Entrevistado A:

"Eu não sou músico só de rua, eu trabalho pra clientes particulares, como casamentos, bares, restaurantes, eventos, etc. Trabalhava, pra ser mais preciso, porque agora não tem tido trabalho nenhum. Então assim, a questão da rua, se eu fosse só músico de rua eu estaria completamente desamparado, e eu acredito que a maioria está desamparado porque não era facilitado pra declarar os ganhos da rua."

No início da pandemia, surgiram as *Lives* em que tanto os músicos de rua como os artistas do mundo todo se empenharam. Porém, não é uma forma de renda segura, segundo os entrevistados, conseguindo-se uma pequena renda, porém nem sempre é o suficiente para conseguirem manter-se e pagar as contas do mês.

Pensando num futuro financeiro e para divulgação dos trabalhos produzidos, os músicos tentaram reinventar-se partindo para criação de conteúdo na plataforma do *YouTube*. Entretanto, nada é tão simples. Para que o músico consiga bastante engajamento, é necessário bastante estudo e tentar conhecer como é o funcionamento desta plataforma, ou seja, não é apenas criar um canal e receber dinheiro através dos vídeos.

De modo geral, os músicos e artistas intentam aprimorar-se e ter acesso a conhecimentos em *marketing* digital para as redes sociais, pois é através destes novos conhecimentos que se encontra o caminho: "o novo formato de arte no mundo". (Entrevistado B).

O Entrevistado B comenta brevemente sobre a matéria:

"A música de rua assim como várias outras artes foram muito prejudicadas por que elas vivem do público, da plateia. é difícil mensurar o impacto que teve a perda de atrações artísticas no psicológico da galera mas com certeza foi enorme. Para poder ainda fazer música, a *internet* e os outros formatos de conteúdos foram os recursos que tivemos que utilizar, como áudios gravados, vídeos, *lives*, os conteúdos de redes sociais foram as alternativa para poder lidar com tudo isso no início da pandemia."

Para os músicos de rua do Brasil, as ordens e restrições estão sendo seguidas pela cor da bandeira de cada estado. Alguns estados brasileiros podem permitir atuações na rua desde que se respeitem os procedimentos e medidas de distanciamento social e uso de máscara. O Entrevistado B, como músico de rua, conta que na cidade de Santa Maria, onde ele vive, é difícil haver aglomerações, e uma das funções dos artistas é alertar e recomendar à população que estão prestigiando a manter o distanciamento, caso contrário, o músico não pode tocar.

Os cancelamentos dos concertos e eventos ao vivo foi o que mais prejudicou todos os artistas, e para o Entrevistado C, foi o ponto mais crítico. Os compromissos com a música acabam por ser quase nulos durante o ano. O musicista e morador da

cidade do Porto diz que não vê grandes mudanças nos músicos de rua face às medidas de distanciamento e devidas restrições necessárias.

No Brasil, os músicos estão aos poucos podendo voltar às suas rotinas, porém, tudo com a devida cautela. Para o Entrevistado D, acredita-se que com o avanço das vacinações será possível ter-se música ao vivo e cultura nas ruas novamente, ainda sim mantendo os cuidados.

Diante da entrevista feita com o Entrevistado E, ele conta um pouco de sua trajetória dentro da música em Portugal durante a pandemia. Violoncelista brasileiro, vindo do sul do Brasil, fala sobre a inclusão da música clássica na rua, sendo normal em países da Europa. No Brasil, só agora a música clássica está sendo inserida como repertório dos músicos de rua. No Rio de Janeiro e em São Paulo, por exemplo, existem muitos artistas tocando música clássica nos terminais ferroviários e até mesmo dentro dos vagões, ou seja, as vertentes da música estão-se abrindo para outros estilos sem ser apenas a música popular.

O violoncelista atua como músico de rua na cidade de Lisboa. Ele conta que, na capital portuguesa, é necessário ter-se uma licença para poder tocar na rua, porém existe uma certa dificuldade em consegui-lo. O Entrevistado E refere que a polícia está sempre fazendo fiscalizações aos artistas de rua. Ele ainda afirma que é possível conseguir a licença com maior facilidade, porém, para zonas de Lisboa que não são pontos atrativos para turistas. Isso afeta os músicos e artistas de modo geral, pois assim não terão público e não conseguirão mostrar o seu trabalho, e muito menos arrecadar uma verba. Em Lisboa, a Rua Augusta e a Rua do Carmo são as principais ruas de artistas e músicos de rua, nelas incidindo uma fiscalização monitorizada frequentemente.

Durante o confinamento, o músico não pode tocar na rua, porém, ele conta que teve que se reinventar, sair da sua zona de conforto que era a sala de concerto para abrir os horizontes e conhecer outros géneros musicais. O Entrevistado E comenta: "Estou-me tornando um músico mais completo, pois eu recém comecei a fazer isso, e acabamos tendo diferentes experiências sendo músicos de rua". Para ele, é uma satisfação atuar como músico de rua.

O comprometimento com o horário, com o repertório estudado e o carisma são alguns dos aspectos que o Entrevistado E considera importantes para se ter um retorno positivo do público. A qualidade e entrega do músico durante a atuação deve ser sempre alta, afinal, a rua é onde o músico está mais exposto.

Através de um pequeno inquérito feito com alguns alunos de canto brasileiros, podemos dizer que, visto aos olhos deles, os músicos de rua são muito talentosos, trazem alegria ao cotidiano do ser humano, porém, são pouco valorizados, tanto pelas pessoas como pelos órgãos do estado, e acabam por encontrar apenas na rua o meio para poder mostrar sua arte. Muitos deles apenas não tiveram oportunidade, pois muitos são tão talentosos como um artista reconhecido pelos média. Alguns dos alunos acreditam que haverá muitos mais músicos de rua, devido à pandemia, visto que muitos não têm apoios e ambientes privativos para suas atuações musicais, necessitando assim levar a sua arte para rua como meio de sustentabilidade. Para além de tudo isso, sabe-se que os músicos de rua são aceites e não incomodam a maioria das pessoas, principalmente os mais jovens. Mais facilmente os músicos de rua que seguem um estilo de música popular, rock ou sertanejo terão uma maior atenção do público juvenil por serem músicas que, atualmente, no Brasil têm grande audiência.

Relativamente às vivências dos músicos, independente do país de origem, a situação do músico de rua e a forma como ele é visto não voltarão a ser iguais após a pandemia, existindo recursos para que os artistas possam continuar a fazer arte nas ruas e levando alegria à população.

## **CAPÍTULO III – CONTEXTUALIZAÇÃO DA CLASSE DE CANTO DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE VISEU**

Para poder relacionar a classe de canto do Conservatório de Música de Viseu com o tema deste trabalho académico, foi realizado um pequeno inquérito com os alunos e a partir dele iremos fazer uma breve análise de como é o pensamento sobre os músicos de rua de maneira geral e na cidade de Viseu. A análise do inquérito será feita a partir de uma tabela inserida no devido capítulo, além de um gráfico ilustrativo.

Para essa pesquisa, contei com o auxílio da professora de canto do Conservatório de Música de Viseu, Cristina Aguiar, que deu suporte e fez a ponte entre os alunos e professora estagiária. A investigação foi feita de maneira online e com os devidos procedimentos de sigilo e autorizações por parte dos alunos da classe de canto.

O presente projeto de investigação com o tema “Situação Atual do Músicos de Rua em Contexto de Pandemia” teve como principal objetivo conhecer, analisar e criar novas maneiras para os músicos se reinventarem perante a pandemia. A metodologia utilizada para este projeto recorreu a pesquisas bibliográficas, documentários e, principalmente, a entrevistas com músicos de rua do Brasil e de Portugal, e também a um inquérito com os alunos da classe de canto do Conservatório de Música de Viseu. Através de entrevistas e questionários acedeu-se a informações necessárias para responder às questões que deram origem a esta investigação e poder desta maneira conhecer como está a situação dos músicos de rua durante a pandemia.

Para este capítulo, foi primordial a investigação feita com os alunos de canto que proporcionaram realizar uma breve análise sobre a maneira dos jovens verem e entenderem os músicos de rua.

Os recursos pedagógicos utilizados para este trabalho foi o inquérito aos alunos de Canto do Conservatório de Música de Viseu, que preencheram de acordo com suas vivências, permitindo-nos a investigação concluir que é unânime que os jovens têm uma grande aceitação e admiração pelo trabalho dos músicos de rua.

Durante o período de estágio, os trabalhos realizados com os alunos não foram ao encontro deste trabalho investigativo, principalmente por termos de cumprir com uma

programação académica dentro do Conservatório, tendo apenas o inquérito como auxílio para a escrita do mesmo.

## **1. Contexto Histórico do Conservatório de Música de Viseu**

A grande fundadora do Conservatório de Música na cidade de Viseu, também dito Conservatório de Música Regional "Dr. José Azevedo Perdigão", foi a pianista e pedagoga Hélia Abranches Soveral, que era natural de Viseu. Foi através da PROVISEU - Associação para a Promoção de Viseu e Região - que se criou o Conservatório de Música na região. Foi na Casa do Miradouro no ano de 1985 que todos, mesmo aqueles com menos aptidão, puderam acesso ao estudo da música e ter formação musical.

O Conservatório é um ambiente de ensino vocacional de música que consegue promover várias atividades culturais pela cidade de troca de conhecimento entre professores e alunos, mesmo com outras escolas da região. A escola promove vários concertos, recitais, palestras, audições, entre outras atividades. Alunos da escola já conseguiram vários prémios em diferentes instrumentos em concursos feitos pelo país. Em 1992, uma nova direção da PROVISEU assumiu o Conservatório devido a dificuldades financeiras. É neste momento que a Câmara Municipal de Viseu começa a apoiar a cultura e o Conservatório com bolsas de estudos para alunos que frequentam o Conservatório de Música de Viseu, e a cada ano serão abertas inscrições para concurso que será publicado na imprensa local e regional.

O Conservatório de Música de Viseu conta com os cursos de Formação Musical Acordeão, Canto, Clarinete, Contrabaixo, Flauta Transversal, Guitarra Clássica, Guitarra Portuguesa, Órgão, Piano, Saxofone, Trombone, Trompete, Violino, Viola de Arco e Violoncelo. Os graus de ensino são divididos em Iniciação, Básico e Complementar.

## 2. Os Músicos de Rua na visão dos alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu

Através das respostas obtidas no inquérito realizado pelos alunos da classe de canto do Conservatório de Música de Viseu, podemos tirar a conclusão que os jovens não se incomodam com as atuações dos músicos de rua feitas na Rua Formosa, apoiando os artistas, sempre que possível. Para os alunos, os músicos de rua podem ser grandes artistas, mesmo não sendo reconhecidos, e nem por isso os deixam de considerar artistas. Os jovens concordam que os músicos podem usar a rua como seu próprio palco para as atuações.

Fazendo uma breve análise das respostas dadas por parte de alguns alunos, vemos que para eles um músico de rua pode ser considerado muitas vezes como um músico reconhecido e que ele pode ser um músico profissional bom e de qualidade. Assim como a maior parte da população, não seria diferente para os jovens já terem visto atuações de músicos cantando na rua com palco, luzes, e um cenário completo para a atuação. Agora, eles concordam que mesmo sem todos esses equipamentos para as atuações "profissionais", um músico de rua ainda sim pode utilizar a própria rua para fazer dela o seu próprio palco de atuações. No gráfico e tabela abaixo, podemos ver os resultados recolhidos pelos alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu:

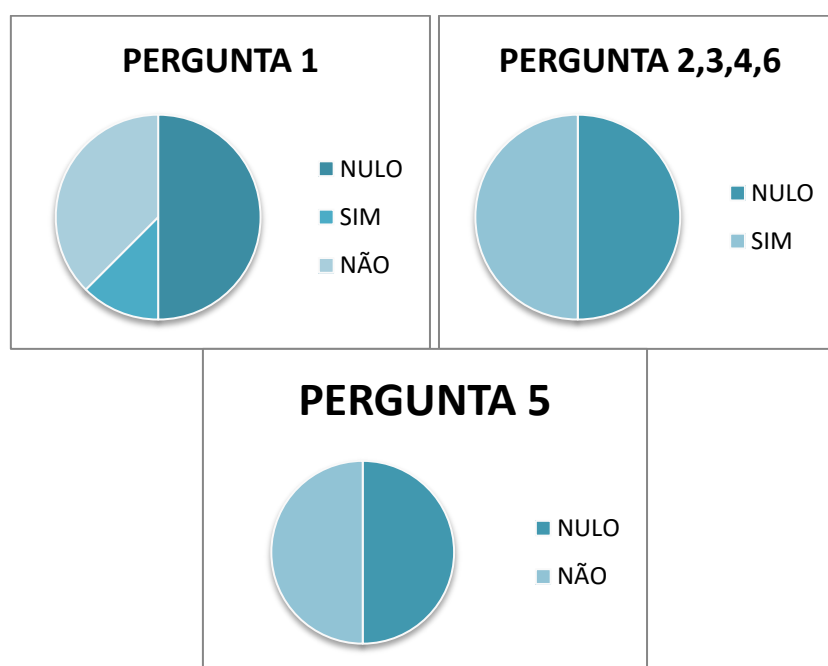


Figura 6 - Gráfico ilustrativo Inquérito Conservatório de Música de Viseu

1) Pensa que todas as formas de cantar exigem palco ou não?

Responderam SIM: 1  
Responderam NÃO: 3  
Não responderam: 4

2) Assistiu algum cantor cantar em algum palco de rua?

Responderam SIM: 4  
Responderam NÃO: 0  
Não responderam: 4

3) Se retirássemos o palco, acredita que ainda assim o músico poderia usar a rua como o seu palco?

Responderam SIM: 4  
Responderam NÃO: 0  
Não responderam: 4

4) Considera o músico de rua uma artista?

Responderam SIM: 4  
Responderam NÃO: 0  
Não responderam: 4

5) Sente-se incomodado com os músicos que tocam na Rua Formosa, em Viseu?

Responderam SIM: 0  
Responderam NÃO: 4  
Não responderam: 4

6) Acredita que os músicos de rua podem ser excelentes artistas?

Responderam SIM: 4  
Responderam NÃO: 0  
Não responderam: 4

Figura 7 - Tabela - Inquérito sobre Músicos de Rua

Podemos concluir, que o Conservatório de Música de Viseu é de grande importância à cidade e região, para o cultivo da arte e da cultura, atraindo muitos jovens em aprender a tocar algum instrumento e adquirir uma boa formação musical. Com o apoio da Câmara Municipal de Viseu, a cultura irá sempre perpetuar-se.

A pesquisa académica foi feita com os alunos de canto do Conservatório de Música de Viseu e, apesar de ter sido breve, pode-se observar jovens interessados e sem preconceitos com músicos e artistas de rua e que apoiam a arte na rua. Apesar de somente parte dos alunos terem respondido, pode-se analisar que para os alunos que responderam as respostas foram todas idênticas, com exceção a primeira questão, como é posto na tabela e nos gráficos acima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em análise final, muito pode ser concluído sobre os músicos de rua e como conseguiram ultrapassar os obstáculos perante o confinamento e a pandemia do Covid-19. A importância desses artistas de rua no nosso quotidiano, bem como, sabermos um pouco do movimento histórico do surgimento da arte urbana foram tópicos vistos para contextualizar o porquê de hoje tal não só ser um *hobby*, mas sim um trabalho. Como vimos, o artista urbano surgiu nos Estados Unidos, tendo como objetivo principal apenas descontrair da rotina cansativa do trabalho e que, só depois que se tornou um trabalho independente.

Passando para Portugal, podemos concluir que, apesar de existirem muitos músicos de rua, as licenças não são de fácil aquisição e favoráveis para os artistas. Por essas dificuldades, os músicos de rua necessitam de uma reavaliação das licenças que possam favorecê-los para tocarem em locais turísticos, bem como em qualquer local da cidade.

Mesmo com tantos projetos culturais tidos em Portugal atualmente, a questão que deixa dúvida é: como podem existirem tantos projetos criados pelo governo português para ajudar da comunidade musical, enquanto não se tem uma licença adequada para o auxílio dos músicos e artistas de rua? Como eles podem ter o livre arbítrio de poder fazer sua arte em um espaço público e levar cultura ao povo?

Ainda há esperança dessas licenças serem revisadas a fim de que os músicos possam ter maior liberdade de expressão com suas artes e atuações. As juntas de freguesia em Portugal deveriam agilizar o processo de revisão das licenças para que os artistas urbanos não corressem riscos nas ruas de pagarem multas e terem os seus equipamentos de trabalho confiscados.

Como foi visto, infelizmente ainda existe o conceito dos músicos de rua serem vistos como pedintes ou artistas não profissionais, o que nem sempre é a realidade. Esses e muitos outros fatores negativos, que vieram devido a pandemia, fez com que a saúde mental dos músicos também fosse afetada. Entretanto, os músicos tiveram que se reinventar e partir para o mundo digital, com *lives*, aulas *online*, criação de conteúdos interativos, e muito mais.

Algumas alternativas e opções como a placa de acrílico no microfone, a placa de *QRcode* para contribuições, a faixa de distanciamento são alguns dos exemplos que podem ser seguidas por músicos para manterem a segurança e cuidarem do próximo. Para além disso, os músicos tiveram que se reinventar e crescer nas plataformas, bem como adquirir equipamentos para uma melhor qualidade de conteúdos.

Várias das vivências dos músicos de rua foram relatadas durante o trabalho, abordando-se as dificuldades que passaram, assim como as alternativas e soluções que encontraram para não pararem o desempenho musical, concluindo-se que, apesar das dificuldades, sempre houve outra opção de sobrevivência com a arte.

No capítulo final, desvelamos um pouco da história do Conservatório de Música de Viseu, e podemos concluir que temos uma juventude que apoia a arte de rua e que os músicos de rua, tanto na cidade de Viseu como em qualquer outro local, são vistos positivamente e os músicos podem ser tão profissionais quanto os artistas mais reconhecidos.

Concluimos que, depois desta pesquisa académica, os músicos de rua poderão ser vistos com outros olhares e credores do maior respeito pela população. Através das dificuldades, vemos um grupo de artistas vencedores e que batalham para que a cultura mundial prevaleça, um grupo que se reinventa e que leva alegria aos lares. Ter o conhecimento de como é ser um músico de rua e como se pode sobreviver mesmo com a pandemia e com a saúde mental afetada, é fazer crescer a sede de vida e dar a liberdade, a arte e a cultura ao mundo, inscrevendo o lema de que não se deve desistir do que mais se ama: a música.

## BIBLIOGRAFIA

BOAL-PALHEIROS, G. (2014). *Som da Rua, um Projecto Musical e Intervenção Social*. Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Educação.

BUSCARIOLLI, B., CARNEIRO, A. D. & SANTOS, E. (2016). *Artistas de rua: trabalhadores ou pedintes?* Cad. Metrop., São Paulo, Brasil, v. 18, n. 37, pp. 879-898.

CLARO, C. & LAPA ESTEVES, M. (2020). A Música na Lupa da Psicologia face à Pandemia: COVID-19! *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, vol. 1, núm. 1, 2020 Asociación Nacional de Psicología Evolutiva y Educativa de la Infancia, Adolescencia y Mayores, España

FALCÃO, D. (2017) *Músicos de Rua: luzes e sombras sobre uma prática social contemporânea no Rio de Janeiro e em Barcelona*. Belo Horizonte, Brasil. Tese de Doutorado, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

FONSECA, J. (2019). *Músicos Escravos em Portugal e no Império Português*. Lisboa, Portugal, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

LOURO, V., LOURO, F. & DUARTE, P.G. (2020). O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. *Revista Música*, v. 20 n. 2 – Dossiê Música em Quarentena Universidade de São Paulo, dezembro de 2020.

MACEDO, E. (2020). *O Estranho*. A Universidade do Minho em tempos de pandemia: Tomo I – Reflexões, Braga: UMinho Editora.

RORIZ, G. (2010). Ser Músico: um Excelente Passaporte. in CÔRTE-REAL, Maria de São José (org.), *Revista Migrações - Número Temático Música e Migração*, Outubro 2010, n.º 7, Lisboa: ACIDI, pp. 289-291.

SÁ, L.L de (2017). *Música e Desejo: Os Músicos de Rua e Bares e a Produção de Singularidades*. Minas Gerais, Brasil, Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas.

## DOCUMENTÁRIOS E NOTÍCIAS

AIDAR, L. (2021, maio, 30). Arte Urbana. *Toda Matéria*. Recuperado em: <https://www.todamateria.com.br/arte-urbana/>

ANÔNIMO, (2018, dezembro, 24). Visto para Artistas - Portugal (músicos, cantores, bailarinos, técnicos de som etc...). *Valente & Lima Advogados*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ZduXjdtfoY>

GOULART, J. (2020, maio, 15). *Artistas de rua mudam de profissão para sobreviver à pandemia*. [Arquivo de Vídeo]. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=yioLky8TL7Q>

ANÔNIMO. (2020, fevereiro, 26). Documentário retrata Músicos de Rua no Porto. *Bom dia Eu*. Recuperado em: <https://bomdia.eu/documentario-retrata-musicos-de-rua-do-porto/>

ANÔNIMO, (2020, março, 13). Em quarentena, italianos cantam nas janelas. *Jornal O Globo*. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=COB4mfwn4Zc>

ANÔNIMO, (2020, março, 29). Varandas e Janelas unem vizinhos em época de isolamento social por causa do coronavírus. *Globoplay, Fantástico*. Recuperado em: <https://globoplay.globo.com/v/8441337/>

ANÔNIMO, (2020, abril, 12). Músicos de rua em "quarentena" tocam agora nas redes sociais. *Diário de Coimbra*. Recuperado em: <https://www.diariocoimbra.pt/noticia/55779>

ANÔNIMO, (2020, agosto, 5). Músicos brasileiros se apresentam nas ruas de Portugal. *Virtz*. Recuperado em: <https://virtz.r7.com/musicos-brasileiros-se-apresentam-pelas-ruas-de-portugal-05082020>

ANÔNIMO, (2021, março, 31). Músico cria alternativa durante isolamento e leva "música na janela" para momentos de comemoração no Rio. *G1 Rio de Janeiro*. Recuperado em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/03/31/musico-cria-alternativa-durante-isolamento-e-leva-musica-na-janela-para-momentos-de-comemoracao-no-rio.ghtml>

GUAZINA, T. (2020, novembro, 18). Como Tocar na Rua durante a Pandemia por COVID-19. [Arquivo de Vídeo]. Recuperado em: [https://www.youtube.com/watch?v=GPdL6EKpy\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=GPdL6EKpy_w)

IMBROISI, M. (2017, junho, 06). Arte de Rua. *História das Artes*. Recuperado em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/arte-de-rua/>

MENDONÇA, C. (2019, fevereiro, 06). A Arte Desenvolvida nas Rua. *Educa+Brasil*. Recuperado em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-urbana>

MORAIS, E. (2015, março, 22). *Documentário Música em Pó*. [Arquivo de Vídeo]. Recuperado de : <https://www.youtube.com/watch?v=8sQKzRQX1uU&t=60s>

RACOR, R. (2020, setembro, 20). *Como é ser Músico de Rua em Portugal e quanto se ganha?* [Arquivo de Vídeo]. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=yeYdPpBE75c>

RACOR, R. (2020, novembro, 8). *Fui Preso por tocar na Rua em Lisboa*. [Arquivo de Vídeo]. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=XMPHjZ9qUhk>

RACOR, R. (2020, dezembro, 13). *O que aconteceu com os Músicos em Portugal na Pandemia da COVID-19*. [Arquivo de Vídeo]. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=ec0ecz5P2ws>

RACOR, R. (2021, abril, 1). *LICENÇA PARA MÚSICO DE RUA EM LISBOA (REVELADO) e os melhores lugares para tocar na rua em Lisboa*. [Arquivo de vídeo]. Recuperado em: <https://www.youtube.com/watch?v=GakNcLZUYno>

REIS, C. (2021, março, 24). Trocou as Orquestras do Brasil pelas ruas de Lisboa. A pandemia confinou-lhe a cidade, mas não os sonhos. *Mensagem de Lisboa*. Recuperado em: <https://amensagem.pt/2021/03/24/julio-silva-violoncelista-orquestras-brasil-ruas-lisboa-pandemia-confinou-cidade-sonhos/>

TALLARICO, A. (2020, agosto). Por Detrás da Moeda | Documentário foca nos músicos de rua do Porto | Fantasporto 2020. *Vivente Andante*. Recuperado em: <https://viventeandante.com/por-detras-da-moeda-mostra-os-musicos-de-rua-do-porto-fantasporto/>

ZEPPI, S. & VIÑAS, D. (2020, maio, 20). Músico quebra monotonia de moradores em prédios durante a quarentena. *CNN Brasil*. Recuperando em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/20/musico-quebra-monotonia-de-moradores-em-condominios-durante-a-quarentena>

## **ENTREVISTAS**

Abordam-se neste tópico as questões elaboradas para os entrevistados, como uma colheita de dados a respeito do tema da pesquisa proposta, assim como apresentando a data e o módulo sob o qual o questionário foi aplicado.

ENTREVISTADO A. Depoimento [março, 2021]. Entrevistador. Camila Eltz de Souza.Viseu. Instituto Piaget de Viseu, 2021. Questionário eletrônico (6 questões). Entrevista concedida para Músicos de Rua na Atualidade da Pandemia.

ENTREVISTADO B. Depoimento [março, 2021]. Entrevistador. Camila Eltz de Souza.Viseu. Instituto Piaget de Viseu, 2021. Questionário eletrônico (5 questões). Entrevista concedida para Músicos de Rua na Atualidade da Pandemia.

ENTREVISTADO C. Depoimento [maio, 2021]. Entrevistador. Camila Eltz de Souza.Viseu. Instituto Piaget de Viseu, 2021. Questionário eletrônico (4 questões). Entrevista concedida para Músicos de Rua na Atualidade da Pandemia.

ENTREVISTADO D. Depoimento [julho, 2021]. Entrevistador. Camila Eltz de Souza.Viseu. Instituto Piaget de Viseu, 2021. Questionário eletrônico (4 questões). Entrevista concedida para Músicos de Rua na Atualidade da Pandemia.

ENTREVISTADO E. Depoimento [julho, 2021]. Entrevistador. Camila Eltz de Souza.Viseu. Instituto Piaget de Viseu, 2021. Questionário eletrônico (5 questões). Entrevista concedida para Músicos de Rua na Atualidade da Pandemia.

## **ANEXOS**

### **Anexo I - Entrevistas dos Músicos de Rua**

#### **ENTREVISTADO A:**

1. Existem escolas com foco em formar músicos de rua em Lisboa, Portugal. Queria saber se tu tens conhecimento sobre essas instituições, e caso sim, podes falar um pouco sobre o funcionamento delas?

- Eu conheço o Chapatô e a escola Braço de Prata, e ambas têm um viés meio de artista de rua, artista independente, cultura livre. O Braço de Prata ainda mais, tem mais qualidade, o Chapatô é mais circense. O Braço de Prata é muito bacana, tem cursos livres de jazz, de instrumentos, é mais independente. Que eu me lembre são essas.

2. Devido ao COVID-19, os músicos de rua foram prejudicados diretamente. Qual foi o principal ponto prejudicial e quais foram as formas encontradas para continuar seu trabalho?

- Eu não sou músico só de rua, eu trabalho para clientes particulares, como casamentos, bares, restaurantes, eventos, etc. Trabalhava, para ser mais preciso, porque agora não tem tido trabalho nenhum. Então assim, a questão da rua, se eu fosse só músico de rua eu estaria completamente desamparado, e eu acredito que a maioria está desamparado porque não era facilitado para declarar os ganhos da rua. Eu diria que a parte que eu mais ganhava era na rua, sei lá, 60% da receita, 40% de eventos particulares, isso em um ano. Portanto, o que eu recebi até agora de auxílio foi totalmente ineficiente e os auxílio que deram foram pouco ou foram tarde demais. Em volume financeiro foram tarde mais, foi pouco dinheiro, então quando chega o auxílio já está com um monte de pendência, e foi pouco, eu diria, 20 ou 30% do que eu teria ganho no ano. Então, passando um ano com 30% com o que era a receita normal. E isso sem redução de custo na casa, sem redução de custo em nada, tudo continua igual, só que agora só com 30%. Bom, os auxílios foram poucos, foram ineficientes, não sei quando vou receber outros, se vai haver outro, não sei quando volto a trabalhar, tem algumas dadas agendadas, mais todas essas datas para 2020 e 2021 foram postergadas para 2022. Portanto eu não vou receber de clientes o que eu devia receber esse ano, só em 2022. Todos os eventos foram adiados para 2022, e vai ser um ano louco se tudo funcionar e voltar ao normal.

Não encontrei outras maneiras, estou muito mais presente nas redes sociais, buscas no Google para clientes particulares, para casamento e restaurantes. Mas não tem outra forma, no início teve aquela onda das *lives* e eu fiz várias *lives*, deu pouca renda, deu para um mês, mas não é uma coisa que tem longevidade. Em termos de remuneração, zero, nada substitui o meu trabalho e a renda que eu tinha. Mas como ocupação, tenho feito muito mais conteúdo nas redes sociais para ter investimento para daqui há dois anos no Youtube e fazendo tudo certinho.

3. Logo no começo da pandemia, muitos músicos começaram a fazer *lives* como uma forma de adaptação. A maneira de conseguir fazer uma renda com elas, foi através de QRcode, isso? Como fazer para ter uma boa divulgação em redes sociais e crescer no mundo digital com a música, uma vez que isso se tornou necessário?

- Quanto as doações para as *lives*, muito complicado para uma pessoa gerir tudo sozinho, a maioria das pessoas e dos artistas não tem competência para isso e, mesmo alguém que tenha, falta tempo e dinheiro de investimento para crescer em redes sociais, para ter visibilidade, para atrair as pessoas para sua *live*, pois precisa ter divulgação, um bom conteúdo e um bom material sonoro acima de tudo. São investimentos que custam muito caro. A maioria dos músicos de rua não tinham nem o equipamento descente para tocar na rua, então, enquanto músico de rua, eu diria que as pessoas não têm competência para fazer esse tipo de evento digital. Para dar certo, é preciso ter alguma formação de *background* alguma noção e conhecimento para fazer *lives* que de fato convertam em dinheiro. Serviços como Paypal e outros, ajudam, mas não solucionam, até porque eles pegam uma parte das doações. É difícil fazer *live* com uma boa qualidade de som e conteúdo que seja em um formato atraente, não funciona como na rua, chegar em uma esplanada. Nas redes sociais não capta tanto a atenção das pessoas, é muito diferente e não remunera tão bem como na rua.

4. Assim que a população puder sair mais sem restrições, você acredita que em Portugal será possível tocar na rua normalmente?

- Eu acho que vai ser possível de alguma forma, assim como no verão passado foi possível, deu para fazer alguma coisa, mas foi nem 10% do que aconteceria em 2019 em uma situação pré-pandêmica. Eu não sei se será possível tocar na rua da mesma maneira de novo, pois sempre foi na margem da ilegalidade, então, não tem um órgão que

legalize isso docentemente, tem apenas as juntas de freguesia, mas o serviço é escasso, se tornando um trabalho marginalizado. Para quem só fazia rua, era praticamente como um pedinte. Não dá nem para considerar como profissão, é bem triste. Até porque é difícil gerir uma carreira, ter uma gestão de carreira. A maioria dos artistas não conseguem, só sabem tocar um pouco e acabou. É outra área do conhecimento para gerir e conseguir ramificar, não fazer só rua, mas ter também seus clientes de casamento e outras coisas, ter formato digital, ter formato só sonoro como *podcast*, ter material no *spotify* onde as pessoas podem ouvir. Enfim, é difícil para um artista. Isso chega à conclusão que, iniciativas que ajudassem os artistas independentes a gerirem sua própria carreira, seria interessante, e é o que eu estou tentando fazer no meu *Youtube*, mas ainda não tenho como gerir todo esse material e qual é a demanda e necessidade do público. Eu acho que vai voltar a normalidade, mas até 2025 não vai normalizar tudo, por mais que tenham turistas no verão, essa profissão perdeu o valor, e percebemos como é granel a arte é frágil a música, não tem mercado agora e somos inúteis no momento. É uma profissão que não é essencial e não faz a menor diferença para o ser humano e, mesmo cansados em casa, muitas pessoas nem querem assistir a *lives*. Acho que no curto prazo não vai voltar, é deprimente e chato para os artistas, e teremos que achar outras maneiras.

5. Com relação as leis aplicadas para os músicos de rua. Elas são válidas para Portugal inteiro ou para cada cidade existe uma lei diferente?

- As leis são diferentes, são muito burocráticos, deve ser preenchido um formulário, as licenças não funcionam para fazer música na rua. Você deve pagar para a câmara para poder utilizar aquele 2m<sup>2</sup> e é precisamente esse local, não se pode tocar fora dali. Não é uma licença para tocar em qualquer local da cidade. As leis são diferentes e mal aplicadas, não tem ninguém que saiba a fundo, pois cada processo é um processo diferente. As leis estão aí, mas não tem quem aplique, pelo menos em Lisboa é assim. Cada junta de freguesia é diferente e os músicos de rua tocam assim sem licença e vão na sorte, pois podem ser apreendidos a qualquer momento.

6. Como ficou sua saúde mental durante o confinamento?

- Basicamente os efeitos que surgiram e que foram marcantes em determinados momentos:

- medo excessivo de não conseguir ganhar dinheiro nunca mais com público.
- medo das pessoas, fobia de gente, desconfiança de pessoas, desprezo por pessoas (enquanto músico apresentando-se ao público).
- tive efeitos físicos na voz, paresia vocal, perda de técnica.
- perda de coragem de apresentação em público, perda do próprio valor como artista.
- cenário financeiro catastrófico para o sector da cultura, especialmente para os independentes.
- falta de fé nas pessoas, visão cada vez mais pessimista sobre o julgamento dos terceiros sobre meu trabalho e meus projetos.
- sensação de invalidez como artista performativo.
- todos esses efeitos ainda restam, alguns vão melhorando, outros não.
- medo da polícia nas ruas, necessidade de performar e não poder por medo de polícia (licenças que nunca são cedidas, maus tratos por parte das pessoas das juntas, desprezo de todos).
- tive dias em que achei que acordava mudo.

## **ENTREVISTADO B**

1. Devido ao COVID-19, os músicos de rua foram prejudicados diretamente. Qual foi o principal ponto prejudicial e quais foram as formas encontradas para continuar seu trabalho?

- A música de rua assim como várias outras artes foram muito prejudicadas por que elas vivem do público, da plateia. É difícil mensurar o impacto que teve a perda de atrações artísticas no psicológico da galera, mas com certeza foi enorme. Para poder ainda fazer música a internet e os outros formatos de conteúdo foram os recursos que tivemos que utilizar, como áudios gravados, vídeos, *lives*, conteúdos de redes sociais foram as alternativas para poder lidar com tudo isso no início da pandemia.

2. Logo no começo da pandemia, muitos músicos começaram a fazer *lives* como uma forma de adaptação. A maneira de conseguir fazer uma renda com elas, foi através de

QRcode, isso? Como fazer para ter uma boa divulgação em redes sociais e crescer no mundo digital com a música, uma vez que isso se tornou necessário?

- Acredito que o conhecimento em marketing e mídias sociais tendem a crescer muito, pois o artista terá que aprender a usar as ferramentas que são necessárias para o novo formato de arte no mundo.

3. Assim que a população puder sair mais sem restrições, você acredita que no Brasil será possível tocar na rua normalmente?

- Sim, porém o tudo normalizar ao meu ver não será da mesma forma como era antes, o normal 2019 para trás não existe mais.

4. De forma geral, como você avalia que está a situação dos músicos de rua no Brasil durante a pandemia?

- O Brasil é dividido entre os estados e cada um deles faz o seu distanciamento seguindo as cores da bandeira do estado. No caso do meu município as apresentações na rua ainda continuam normalmente, porém é usado recursos protocolados de distanciamento social, máscaras e faixas de segurança para as pessoas não ultrapassarem. Dificilmente acontece aglomerações pois os artistas são recomendados a falar para o público se espalhar e parar de tocar quando isso acontece além de fazer ligações e denunciar.

Modéstia parte esses recursos foram criados por mim. Eu comecei a tocar usando o que eu considerava correto me baseando nos protocolos do meu estado que usam no comércio. Assim criei uma estrutura com regras e fui tocar. A prefeitura não se posicionou contra e os artistas locais começaram a aderir.

6. Como ficou sua saúde mental durante o confinamento?

- Aqui no Brasil, não teve muito confinamento, teve apenas no início da pandemia e depois foi liberando, o Brasil foi meio desorganizado. O confinamento foi horrível, ter que ficar preso em casa com pessoas que não estamos acostumados, foi complicado. A saúde mental afetou, não tinha como trabalhar. Saturei muito na quarentena. Quando as coisas foram abrindo, fiquei em casa sem saber o que fazer e como trabalhar, tendo auxílio emergencial. As coisas melhoraram quando voltei a tocar na rua com todos os equipamentos e protocolos de segurança. A partir desse momento melhorei, porém, o pensamento de cuidar de si e do próximo sempre vem a cabeça.

## ENTREVISTADO C

1. Devido ao COVID-19, os músicos de rua foram prejudicados diretamente. Qual foi o principal ponto prejudicial e quais foram as formas encontradas para continuar seu trabalho?

- A parte mais prejudicada foi o facto dos concertos ao vivo serem encerrados, por razões óbvias, no que gerou cancelamento de shows ao vivo e compromissos anulados.

2. Logo no começo da pandemia, muitos músicos começaram a fazer *lives* como uma forma de adaptação. A maneira de conseguir fazer uma renda com elas, foi através de QRcode, isso? Como fazer para ter uma boa divulgação em redes sociais e crescer no mundo digital com a música, uma vez que isso se tornou necessário?

- Oferecendo um material atractivo, inovando a forma de interagir com o público, nesse caso online e focar nas redes sociais, é claro. Bastante incidência de postagem consistentes ajudam muito.

3. Assim que a população puder sair mais sem restrições, você acredita que em Portugal será possível tocar na rua normalmente?

- Com certeza! Não só em Portugal, mas também no mundo todo. Pode ser um novo início para muitos projetos.

4. De forma geral, como você avalia a situação dos músicos de rua durante a pandemia?

- Em termos de "tips", não acho que tenha mudado muito, mas não tenho conhecimento suficiente para esta pergunta.

## **ENTREVISTADO D:**

1 - De forma geral, como você avalia a situação dos músicos de rua durante a pandemia?

- Como violinista vivenciei muitas fases de restrição e flexibilização do músico atuando em sua área. Atualmente em minha cidade os bares estão voltando com apresentações ao vivo com cautela, e alguns grupos musicais reduzidos ou músicos solo cada dia se aproximam mais da realidade pré-pandemia, com alguma frequência voltando a tocar em casamentos, comemorações particulares e eventos em geral. Infelizmente músicos de algumas bandas da região não estão podendo exercer sua profissão por dependerem de eventos com maior fluxo de pessoas acontecerem.

2 – Devido a pandemia, os músicos de rua, assim como muitos outros profissionais, precisaram se reinventar para obter renda nesse período. Quais as soluções você realizou para conseguir continuar vivendo da música durante o confinamento?

- Em todo período tivemos que aguardar a liberação de órgãos responsáveis para realizar nosso trabalho em contato com o público quando possível e com segurança. No dia das mães deste ano nós oferecemos ao nosso público das redes sociais encomendas de vídeos para homenagens deste dia especial, além de pensarmos na possibilidade de *lives* transmitidas de nossas casas, que acabaram não acontecendo até o momento.

3 – Em Santa Maria, Brasil, foi feita uma apresentação através das janelas do Teatro Treze de Maio. Pode me contar um pouco dessa experiência?

- Foi uma experiência única. Antes da pandemia estávamos acostumados com apresentações ao vivo, com a interação com o público e sentir a energia que ele nos proporciona. Escolhemos um repertório exclusivo para este evento. Além disso, foi a primeira apresentação depois desta fase sem público presente, e ver o sorriso no rosto das pessoas que foram nos prestigiar neste dia foi gratificante.

4 – Vocês tiveram eventos diferenciados durante a pandemia? Se sim, quais?

- Fizemos duas *lives* no Theatro Treze de Maio, a primeira no Natal de 2020 e a segunda na Páscoa de 2021. Nestas *lives* nós levamos nossa música até as pessoas sem que elas precisassem sair de suas casas, afinal os eventos eram totalmente online. Recentemente fizemos uma apresentação ao vivo nas janelas do mesmo teatro, e consideramos uma experiência única considerando o maior distanciamento entre o nosso novo palco e espaço para plateia.

5 - Assim que a população puder sair mais sem restrições, você acredita que será possível tocar na rua normalmente?

- Acredito que com o avanço da vacinação em poucos meses poderá voltar ao normal, ainda que com bastante cuidado.

## **ENTREVISTADO E:**

1. Qual a principal diferença que tu vê entre um músico de rua no Brasil e em Portugal?

- Qual é a diferença olha eu não sou a melhor pessoa para te responder essa pergunta porque eu nunca toquei na rua no Brasil, eu toquei nas ruas com um grupo de violoncelo mas nunca com esse contexto profissional. O que eu percebo como músico de rua música aqui em Portugal é que no Brasil essa incursão vamos da música de concerto da música clássica na rua começou a ter bem menos tempo do que aqui. Portugal e na Europa eu sei que isso é uma coisa do cotidiano de muitos jovens músicos estudantes enquanto no Brasil é uma atividade mais recente. E eu sei que tem uma galera de São Paulo e Rio de Janeiro tocando na rua e tocando no vagão de trem e está dando super certo, pois estão conseguindo ganhar dinheiro e ao mesmo tempo desmistificando a questão da música clássica e música erudita. E essa é outra questão, que no Brasil é muito comum você ver músicos tocando instrumentos que não são de música clássica e de concerto.

2. Sabe como funcionam as leis para músicos e artistas de rua em Portugal? Se sim, poderia explicar um pouco?

- As leis de rua em Portugal são quase as mesmas leis que existem em boa parte do mundo é preciso da licença para poder tocar o problema é que essa licença é muito difícil de se conseguir a polícia municipal está sempre em cima consegue até consegue uma autorização, porém são para ruas que não estão com atrações turísticas. Do que adianta tocar uma rua paralela ou rua Augusta e rua do Carmo uma das principais ruas, o foco do artista de rua é promover a arte, mas também ter a parte financeira, você vai onde ter turistas, você vai tem dinheiro, e as leis aqui e a forma como lidam com isso é totalmente diferente e batem de encontro com aquilo que os músicos buscam. Mas basicamente, aqui para Portugal é necessária uma licença assim como em outros países Alemanha Itália Espanha cada lugar tem o seu órgão onde você vai pedir autorização.

3. Qual a maior dificuldade que vem enfrentando com a pandemia como musicista?

- Acabamos tendo diferenças experiências na rua com relação à música de rua porque ali assim como tem uma pessoa que é cozinheiro, ou de um escritório, pode ter um grande músico ou um grande maestro, assim como já tive experiências grandes violoncelistas passaram por mim e dar algumas dicas de violoncelo ou simplesmente assistirem, e existe uma satisfação como artista de fazer arte na rua. Querendo ou não, na rua você tem que ser um show man, não adianta eu querer tocar por exemplo uma música de concerto, eu tenho que mesclar vários tipos de música e de várias regiões para que isso chame a atenção do público. Então eu tive que investir em equipamentos e tempo de estudo, estudar outras peças e isso querendo ou não me ajudou também e me tornei o músico mais completo, e estou me tornando porque eu receio comecei a fazer isso. Mais importante é essa entrega, eu acho que muitos músicos têm essa diferenciação que não conseguem ganhar dinheiro e tem outros músicos que conseguem ganhar muito dinheiro. É justamente por essa questão do comprometimento com seu trabalho na rua, porque se eu sou músico profissional que cumpro o horário - afinal a rua também depende muito de horários - se eu tenho uma proposta de música legal e as pessoas veem isso, da mesma forma eu vou receber isso do público. E o mais importante, a qualidade que você entrega para um concerto tem que ser a mesma qualidade que você entrega para música na rua. Você está na rua se você precisa fazer

mais. A Entrega do trabalho tem que ser muito boa, isso eu procuro fazer sempre que eu vou tocar na rua sabe desde estudar as peças. Eu nunca levo para a rua peças que eu nunca tenha estudado eu sei que eu vou errar por algum deslize por alguma circunstância, mas eu sempre procuro ter muito cuidado.

4. Conseguiu criar alternativas para continuar tocando como músico de rua durante a pandemia? Quais foram os meios?

- Para meu futuro profissional, não é o que eu quero fazer, eu faço isso para meu sustento. O violoncelo tem sido considerado o instrumento do século XIX, ele se popularizou, saiu do papel só da sala de concertos, podendo tocar qualquer estilo musical. O instrumento está sempre em alta. E querendo ou não, isso gera um atrativo para o público. É o instrumento mais próximo da voz humana.

5. Como ficou sua saúde mental durante o confinamento?

- Esse período da pandemia foi misto de sentimentos. Primeiro porque eu tenho meu compromisso com os estudos do mestrado, e por outro lado a questão do meu sustento. Não tenho como dizer o que pesou mais, pois sai perdendo pelos dois lados. No confinamento eu tive que fazer full-time, e gerou uma desmotivação, pois estava refém de um trabalho que não tinha haver com meu aspecto profissional. Querendo ou não, mesmo a pandemia estabilizando, não é tão simples ser músico de rua em Lisboa devido a fiscalização que já deu o aviso que estarão até dia 30 de setembro de 2021 nas ruas. Tenho que ir tocar em outras cidades para conseguir sobreviver, procurando alternativas e se tornando desgastante.

## **Anexo II - Inquérito Alunos Brasil**

- 1- Qual gênero musical você gosta de escutar fora dos estudos do conservatório?
- 2- Você costuma ter o hábito de escutar música clássica sendo ou não do seu instrumento?
- 3- O que vocês pensam sobre os músicos de rua?
- 4- Acreditam que com a pandemia terá mais artistas cantando nas ruas?

### **Aluno 1:**

- Clássicas, Músicas tipo instrumental com concertos e popular.
- Sim.
- Acho interessante, pois estão levando a arte a cultura e alegria para as pessoas.
- Acredito que não.

### **Aluno 2:**

- Pop.
- Não costumo ouvir música clássica.
- Muito talentosos.
- Sim.

### **Aluno 3:**

- Música gospel.
- Sim, costumo ter o hábito de escutar música clássica.
- São importantes, pois muitos não encontram em outro espaço a oportunidade para demonstrarem seus talentos.
- Sim, acredito que a pandemia permitiu que as pessoas mostrassem seu talento musical para além dos ambientes fechados.

#### **Aluno 4:**

- Popular, soul, jazz.
- Raramente.
- Apenas que são pessoas correndo atrás dos seus sonhos da forma que podem, mas que mereciam mais reconhecimento.
- Possivelmente sim, em virtude das dificuldades que a pandemia vem trazendo para todos os setores, principalmente o de entretenimento/musical.

#### **Aluno 5:**

- Sertanejo.
- Acho que todo tipo de arte, é arte, e muitos são incrivelmente talentosos.
- Sim.
- Acho que não, pois quem tem condição de cantar em eventos, etc. Penso eu que continuará tendo essas oportunidades, e os da rua continuarão da mesma forma.

#### **Aluno 6:**

- Pop, Rock, Rap e Hip-hop.
- Sim.
- Que deveriam ser mais valorizados, tanto pelos órgãos do estado quanto pelas pessoas, visto que muitos deles, tecnicamente, são tão hábeis quanto os artistas que estão vendidos pela mídia.
- Sim, visto que para muitos músicos sem apoio privado e/ou patrocínio, não terão acesso a locais com cobrança de ingresso ou cover, usarão de sua ferramenta de trabalho para obter renda na rua.



